

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

Geografia



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

Guia do Estudante da FLUP. GEO: 1º Ano

Vol. 12, 1991-92

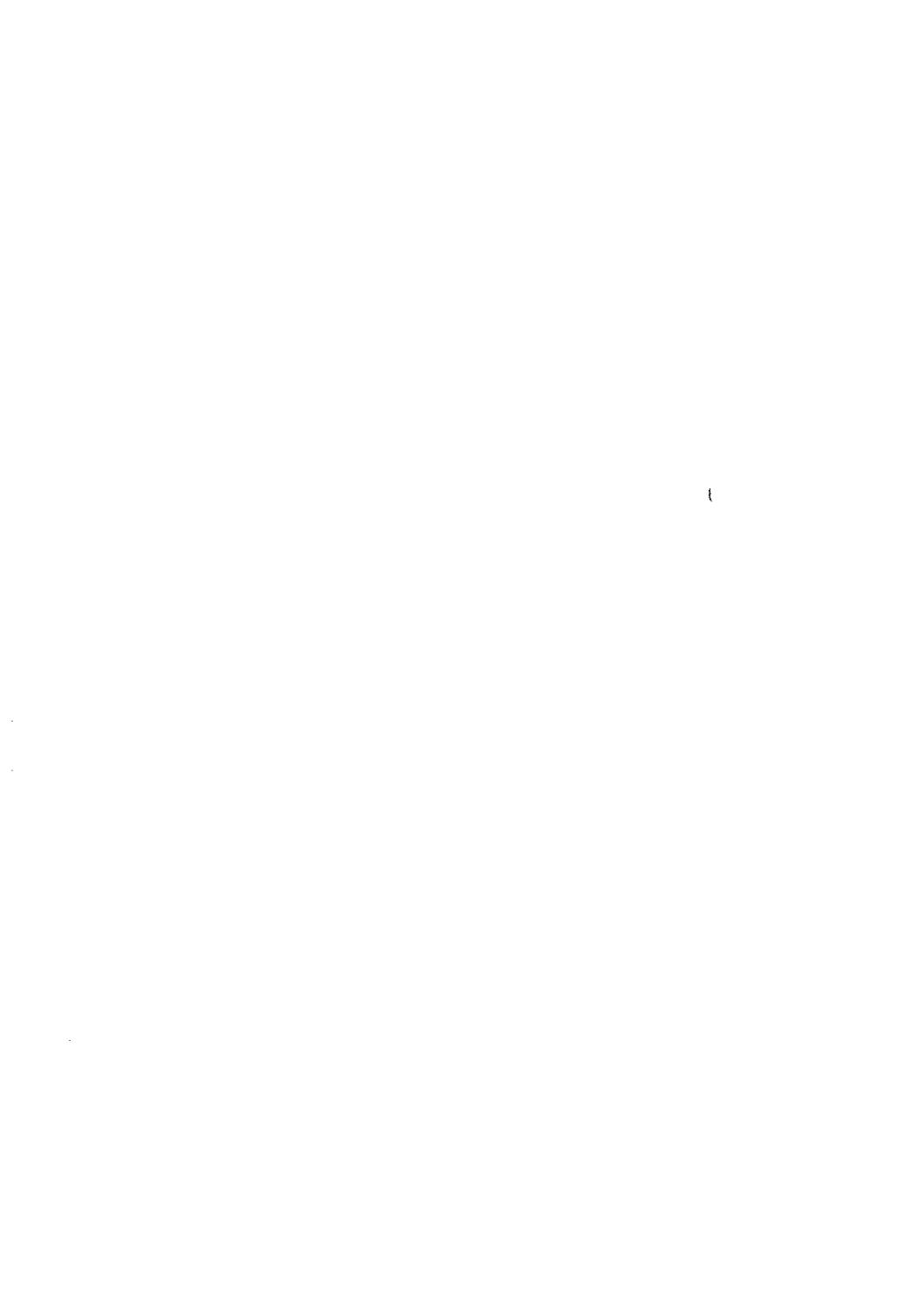
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 150 exemplares

INTRODUÇÃO



GUIA DO ESTUDANTE - 1991

INTRODUÇÃO

Esta 12ª edição do Guia do Estudante, referente ao ano lectivo de 1991-92, pretende continuar a cumprir os objectivos contemplados numa publicação deste tipo; fornecer o máximo de informação relevante a todos quantos integram a Faculdade de Letras do Porto.

Embora tendo como destinatário principal o corpo discente, o Guia será igualmente instrumento útil para docentes e funcionários, em áreas tão diversas como, por exemplo, as normas de avaliação, as possibilidades de utilização da Biblioteca Central e de outros serviços ou algumas das mais recentes publicações editadas no âmbito da FLUP. Mas serão os conteúdos programáticos das cadeiras leccionadas nos diversos cursos a componente dominante desta publicação, contribuindo necessariamente para uma melhor orientação dos alunos relativamente ao estudo das diferentes matérias.

Pretende assim o Conselho Directivo, para além da articulação sempre fundamental com os restantes órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, delinear as principais linhas de força do funcionamento da Faculdade em 1991-92 e sublinhar alguns dos direitos e deveres que os membros da FLUP terão no seu quotidiano e no seu horizonte.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1991

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:

de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30

14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Base de dados local.

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Digite: GEAC.
2. Carregue tecla ENTER.
3. Digite: CAT.
4. Siga as instruções que aparecem no écran.
5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre

as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia
- " de Ciências da Educação

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2^a a 6^a feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História (Variante Arte; Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º e 4º anos).

b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: História Medieval

História Moderna e Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

D - Curso de Português para Estrangeiros.

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;
- b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);
- c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e
"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.
2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).
3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º e 4º anos de todas as variantes de LLM com línguas estrangeiras

a) Possibilidades: todas as variantes de LLM que integrem línguas estrangeiras.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 19.7.91)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1991-1992. Estas Normas contêm algumas alterações de fundo relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho achou útil reordenar as várias cláusulas, a fim de tornar mais simples e operacional a sua consulta.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. No âmbito destas três modalidades de avaliação há ainda a considerar que certas disciplinas funcionam com provas de tipo especial, tais como:

- a. Trabalhos de campo.
- b. Trabalhos de investigação.

3. Fora do âmbito das três modalidades de avaliação referidas, há ainda o caso especial das disciplinas que funcionam em seminário e que têm requisitos especiais regulamentados separadamente.

4. Poderá existir uma combinação de avaliação contínua com avaliação periódica ou final nos termos do ponto A, artigo 4ª das presentes normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, deverá o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios, e instrumentos de avaliação a utilizar.

2. Este plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a. Número de alunos.
- b. Número de docentes.
- c. Natureza da disciplina e conteúdos leccionados.

3. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua consiste na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos e orais, ou outras.

2. Uma das provas tem de ser um teste escrito realizado na própria sala de aula e em presença do docente.

3. Os alunos devem ser e estar claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

4. Os alunos devem ser e estar informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação oral nas aulas, assim como dos critérios de ponderação adoptados.

5. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno.

6. As classificações de avaliação contínua são ponderadas em números inteiros na escala de 0 a 20 para efeitos de afixação nas pautas oficiais, conforme o estipulado no artigo 18º destas normas.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. Em certos casos pode haver alteração desse número mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

3. De modo a possibilitar a realização da avaliação contínua, as disciplinas podem ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço dos docentes e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

4. Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, é considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

5. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.
3. Na situação dos números 3 e 4 do artigo 4º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, tendo direito a submeter-se à avaliação final na época normal primeira época, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica, no caso das Línguas vivas; e até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa, nas restantes disciplinas.
3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado nos artigos 13º e 15º das presentes normas.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.
2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como os critérios e a ponderação da avaliação respectiva.
3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das Línguas vivas conforme o estipulado no artigo 12º.
4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias

antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

Artº 9 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Não realizam prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 ou 9 valores desde que a média final das notas seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade.

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à

classificação de zero valores.

7. Um aluno que compareça a duas ou mais provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno em avaliação periódica que não tenha tido classificação positiva na primeira prova, compareça à segunda e não tenha igualmente classificação positiva nesta ou dela desista, considera-se reprovado.

2. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são em número de duas e precedem a oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a fixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 19.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 18º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, não podendo nunca ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para efeitos de média final nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Na época normal de exames finais realizam-se duas chamadas por

cada disciplina nas provas escritas, sendo esse número de apenas uma nas restantes épocas, isto é, época de recurso e época especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

4. Segundo o artº 9 da Portaria nº886/83 de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da FLUP de 28 de Maio de 1984, os alunos podem realizar exames a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais na época de recurso.

5. Segundo as mesmas portaria e resolução referidas no ponto anterior, na época especial (normalmente em Dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação numa das duas épocas consecutivas àquela em que tenham obtido aprovação na respectiva disciplina.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrarem os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de oito valores, tendo

em conta os arredondamentos fixados no artº 18.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 18.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso referido no ponto 3 deste artigo.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.

3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.

4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos

trabalhos a realizar.

5. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem às normas estipuladas no artigo 16.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 18 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final são publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações afixadas em pauta são apresentadas em números inteiros.

3. Para o cálculo de médias finais as décimas são arredondadas à unidade por defeito até ao meio valor, exclusive, e por excesso a partir do meio valor, inclusive.

4. Quaisquer outras escalas utilizadas pelo docente no âmbito das suas classificações terão de ser convertidas à escala referida nos pontos anteriores para efeitos de classificações finais e periódicas.

Artº 19 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias antes da realização da segunda prova de avaliação periódica.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizaram.

5. Os resultados dos exames da época de recurso devem ser afixados até 24 horas antes da data do início do prazo das inscrições nas disciplinas do ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 20 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.
2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.
3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 21 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.
2. Em caso de fraude comprovável o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
3. Caso haja apenas suspeitas de fraude deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.
4. No caso de fraude grave comprovada o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 22 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas têm o direito de exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.
2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças e recolher as assinaturas de todos os alunos presentes; essa folha de presenças devidamente datada e rubricada, deve ser entregue ao docente responsável da disciplina juntamente com as provas respectivas.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 23 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a

coincidências de provas de disciplina do mesmo ano. O prazo é de 48 horas (dias úteis) depois de anexados o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico delegará num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

Calendário das provas em 1991-1992

(Aprovado na reunião do Conselho Pedagógico de 12.07.91)

Avaliação periódica:

Primeiras provas: de 10 a 29 de Fevereiro de 1992 (Reinício de aulas: 5 de Março de 1992)

Segundas provas: de 1 a 17 de Junho de 1992. (As orais de línguas vivas poderão recair entre 17 e 25 de Junho de 1992.)

Fim de aulas: 30 de Maio de 1992

Exame final:

Época normal: de 25 Junho a 13 de Julho de 1992. (Entrega de termos até 20 de Julho de 1992.)

Época de recurso: de 10 a 25 de Setembro de 1992

A proposta de as provas das cadeiras específicas do Ramo Educacional serem realizadas dentro do prazo das restantes foi aprovada pelo do Conselho Pedagógico em 19/07/91.

PUBLICAÇÕES:

1. REVISTAS

Revista de Faculdade de Letras:

História, II série: 1984 ss.

Filosofia, II série: 1985 ss.

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

Geografia, 1985 ss.
Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss
Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do
Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.
Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação
Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade
do Porto), 1990 ss.

2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal. 1501-1700,
Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e
Literaturas - Anexo II", 1988

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão. Actas do 1º
Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão
(Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras-
Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - Poesia de D. Manoel de Portugal.
I - Prophana, Edição das suas fontes, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de
Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, Faculdade
de Letras da Universidade do Porto, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto,
Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa,
"Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

3. TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES:

FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz. Contribuição para o
Estudo do Espaço urbano do Porto, Porto, INIC/FLUP, 1985

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - O Desembargo Régio (1230-
1433), Porto, INIC/Centro de História (UP), "História Medieval - 5", 1990

MARQUES, Helder - Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio
de Geografia Humana, Porto, INIC/FLUP, 1985

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a Dominância
Filipina, Porto, INIC/Centro de História (UP), "História - 6", 1986

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a
Restauração - 1640-1668; 2 vols., Porto, INIC/Centro de História (UP),
"História Moderna e Contemporânea - 2", 1988

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - Abordagem a Alguns Aspectos

da Compreensão Verbal na Criança. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar, Porto, INIC/Centro de Língua (UP), "Linguística - 8", 1988

3.1. Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

3.1.1. REVISTA:

Intercâmbio, 1990

3.1.2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - Nas Origens do Teatro Francês em Portugal, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Revolução Francesa. Emigração e Contra-Revolução, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

3.2. Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS REALIZADOS OU PARTICIPADOS PELA FLUP:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol. III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

I Congresso de Literaturas Marginais (Faculdade de Letras do Porto, Abril de 1987) (No prelo)

Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988)

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988)

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 1989

Encontro de Literatura Suíça (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Eça e "Os Maias", I Encontro Internacional de Queirozianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE (Divulgação interna):
CONSELHO DIRECTIVO:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989, Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986

PEREIRA, Gaspar Martins - O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal e João Franco, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

1. Revista

Humanidades, 1982 ss.

PROGRAMAS

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1991-92. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

METODOS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA

Docentes: Dr. Mário Fernandes

1. Semiologia Gráfica.
Cartografia e Expressão Gráfica em Geografia.
2. Variáveis visuais.
3. Opção cartográfica: gráficos e mapas
4. Elementos e qualidade de um mapa.
Noções sobre a ação de resultados.
5. Leitura crítica em Cartografia: método e exemplos.
6. O mapa topográfico.
7. Introdução à detecção Remota: a fotografia aérea e a imagem de satélite.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, S. - Lições de topografia, Lisboa, Ed. Estampa, 1987
- BERTIN, J. - Sémiologie graphique, Paris, 1973
- "- La graphique et le traitement graphique de l'information, Paris, Flammarion, 1977
- BONIN, S. - Initiation à la graphique, Paris, Epi, 1983
- BORD, Jean-Paul - Initiation géo-graphique, Paris, Sedes, 1984
- BRUNET, J. - Le croquis de géographie régionale et économique, Paris, 1962
- BRUNET, R. - La carte, mode d'emploi, Paris, Fayard/Reclus, 1987
- DIAS, M.H. - Leitura e comparação de mapas temáticos em geografia, Lisboa, 1988
- DCKINSON, G. - Statistical Mapping and the Presentation of Statistics, Londres, 1963
- JOLY, F. - La cartographie, Paris, PUF, 1985
- MONKHOUSE, F.; HARRINSON, H. - Maps and Diagrams, Londres, 1973
- RIMBERT, S. - Cartes et graphiques, Paris, 1964
- THEAKSTONE, W.; HARRINSON, C. - The Analysis of Geographical Data, Londres, 1970
- TRURAN, H. - A Pratical Guide to Statisical Maps and Diagrams, Londres, 1980

ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA APLICADA À GEOGRAFIA

Docente: Dr^a Maria Helena Sampaio Maciel Barbosa

I - Elementos Básicos de probabilidades

1. Breve nota sobre a evolução histórica do cálculo das probabilidades.
2. Definição e princípios gerais.
 - 2.1. Generalidades: acontecimentos certos e acontecimentos aleatórios.
 - 2.2. Os acontecimentos como conjuntos. Nomenclatura e operação.
 - 2.3. Definição e probabilidades.
 - 2.3.1. Dos exemplos à definição.
 - 2.3.2. Definição.
 - 2.4. Consequências imediatas da definição.
 - 2.5. Probabilidade ligada.
 - 2.6. Teoremas.
 - 2.6.1. Teorema de probabilidade total.
 - 2.6.2. Teorema de probabilidade composta.
 - 2.7. Enlace estocástico.
 - 2.8. Fórmula de Bayes.
 - 2.9. Aplicação dos princípios gerais.
 - 2.9.1. Esquema de Bernoulli.
 - 2.9.2. Esquema de amostragem.

II - Elementos de estatística

1. Introdução.
 - 1.1. Breve nota sobre a evolução histórica da estatística.
 - 1.2. Fenómenos causais e estatísticos.
 - 1.3. População e amostra. Unidade estatística.
 - 1.4. Atributos e modalidades.
 - 1.5. Regularidade estatística.
 - 1.6. Objecto da Estatística.
 - 1.7. Fases do método estatístico.
 - 1.8. A Estatística nas Ciências Empíricas.
2. Distribuição de frequências unidimensionais.
 - 2.1. Representação dos dados.
 - 2.2. Variáveis estatísticas.
 - 2.3. Quadros estatísticos qualitativos.

- 2.4. Quadros de frequência. Distribuição de frequência e sua representação gráfica.
- 2.5. Distribuições unidimensionais.
- 3. Redução de dados.
 - 3.1. Introdução.
 - 3.2. Medidas de localização.
 - 3.2.1. Médias.
 - 3.2.2. Mediana. Quartis.
 - 3.2.3. Moda.
 - 3.2.4. Posição relativa da média aritmética, mediana e moda.
 - 3.3. Medidas de dispersão.
 - 3.3.1. Amplitude total.
 - 3.3.2. Amplitude interquartis.
 - 3.3.3. Desvio médio.
 - 3.3.4. Desvio padrão. Variância.
 - 3.3.5. Coeficiente de dispersão de Pearson.
 - 3.4. Momentos.
 - 3.5. Medidas de assimetria.
 - 3.6. Medidas de achatamento.
 - 3.7. Medidas de concentração.
- 4. Regressão e correlação simples.
 - 4.1. Ajustamentos.
 - 4.1.1. Generalidades.
 - 4.1.2. Ajustamentos a funções lineares.
 - 4.2. Curvas de regressão.
 - 4.3. Regressão linear.
 - 4.4. Coeficientes de correlação e sua interpretação.
 - 4.5. Cálculo prático das rectas de regressão.
 - 4.6. Razão de correlação de Pearson.
 - 4.7. Correlação ordinal (Kendall e Spearman).
- 5. Sucessões cronológicas.
 - 5.1. Generalidades.
 - 5.2. Tendência geral.
 - 3.2.1. Método gráfico.
 - 5.2.2. Método das médias escalonadas.
 - 5.2.3. Método das médias móveis.
 - 5.2.4. Método analítico.
 - 5.3. Flutuações estacionais.
 - 5.3.1. Método das percentagens médias.

- 5.3.2. Método das percentagens da tendência.
- 6. Distribuição amostral das médias.
 - 6.1. Noção de intervalo de confiança.
 - 6.2. Erro padrão da média.
 - 6.3. Estimativa de proporção.

BIBLIOGRAFIA

- SPEIGEL, M. R. - Estatística, Col. "Shaum", Mc Graw-Hill
- MEYER, P.L. - Probabilidades. Aplicações à Estatística, Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A.
- YEOMANS, K. A. - Statistics for the Social Scientist. 2 - Applied Statistics, Penguin Education
- GREGORY, S. - Statistical Methods and the Geographer, Longman
- HOEL, Paul. G. - Elementary Statistics, Wiley International Edition

GEOGRAFIA FÍSICA I

Docente: Dr^a Edite Marina F. S. Silva Velhas

TEÓRICAS

1. A GEOGRAFIA FÍSICA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS DA TERRA

2. CLIMATOLOGIA

2.1. Introdução.

Objecto e tentativa de definição.

Os métodos de trabalho.

Relações com as Ciências da Terra e da Atmosfera.

2.2. Uma perspectiva sistémica do clima.

Componentes e processos do sistema climático.

A atmosfera - subsistema do sistema climático.

Composição e estrutura.

3. A ENERGIA NO SISTEMA CLIMÁTICO E O BALANÇO TÉRMICO DA SUPERFÍCIE DA TERRA

3.1. Fluxos de radiação solar e terrestre.

Transferências de energia no sistema Terra-Atmosfera.

3.2. A Temperatura do ar.

A distribuição mundial dos valores médios da temperatura.

Os factores condicionantes.

Os regimes térmicos.

4. A HUMIDADE NA ATMOSFERA

4.1. A humidade atmosférica, condensação e precipitação.

A estabilidade e instabilidade da atmosfera.

Mecanismos elementares de ascendência e subsidência.

4.2. A precipitação.

Teorias explicativas da formação da precipitação.

Características e tipos de precipitação.

Padrão da distribuição mundial da precipitação.

O ciclo hidrológico - os ramos aéreo e terrestre.

5. MOVIMENTOS DA ATMOSFERA, MECANISMOS E DINÂMICA GERAL

5.1. Pressão atmosférica e ventos.

Leis do movimentos na atmosfera.

Distribuição das pressões médias e dos ventos à superfície e em altitude.

5.2. Estrutura da circulação geral da atmosfera.

A circulação dos oceanos e efeitos climáticos.

5.3. Massas de ar e frentes.

Relações com o estado do tempo.

Tipos de tempo na Europa Ocidental.

6. AS CLASSIFICAÇÕES CLIMÁTICAS

Os grandes sistemas classificatórios.

Os limites climáticos.

7. CLIMATOLOGIA APLICADA

Estudo de casos.

PRÁTICAS

1. OS DADOS DA OBSERVAÇÃO METEOROLÓGICA E OS DADOS CLIMÁTICOS

1.1. A organização dos registos de observação.

1.2. Procedimentos e métodos na obtenção dos dados climáticos.

1.3. Principais parâmetros caracterizadores das séries climatológicas.

2. OS BALANÇOS ENERGÉTICO E CALORÍFICO À SUPERFÍCIE DA TERRA

2.1. As variações geográficas da radiação solar recebida à superfície.

- principais factores intervenientes.

2.2. Balanços locais e regionais da radiação líquida à superfície.

2.3. Balanços caloríficos regionais - padrão espacial dos componentes do balanço calorífico.

3. O ELEMENTO CLIMÁTICO "TEMPERATURA"

3.1. Os ritmos diário e anual da variação da temperatura - os regimes térmicos e os principais factores determinantes.

3.2. As formas de representação gráfica do elemento climático: "Temperatura".

3.2.1. Diagramas elementares e diagramas de termoisopletas.

4. A ANÁLISE CONJUNTA DOS ELEMENTOS CLIMÁTICOS

4.1. Características dos regimes termopluiométricos.

4.2. Conceitos de mês seco.

4.3. Os elementos Evaporação e Humidade atmosférica.

4.4. As formas de representação gráfica.

4.4.1. Gráficos termopluiométricos e climogramas.

5. BALANÇOS HIDROLÓGICOS REGIONAIS E LOCAIS

5.1. O balanço hídrico sequencial mensal segundo Thornthwaite.

5.2. Os principais contrastes em função dos factores geográficos.

6. CIRCULAÇÃO ATMOSFÉRICA, SITUAÇÕES SINÓPTICAS E ESTADOS DO TEMPO

Aplicação a Portugal e Ocidente da Europa.

6.1. As cartas sinópticas do Boletim Meteorológico Diário.

6.2. As associações entre tipos de circulação, situações sinópticas e estados do tempo.

6.3. As massas de ar e os ventos.

6.3.1. Os tefigramas e os diagramas aerológicos.

6.3.2. Formas de representação gráfica do elemento Vento.

7. AS CLASSIFICAÇÕES CLIMÁTICAS

7.1. Aplicação das Classificações de Köppen e Thornthwaite.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARRY, B.; CHORLEY, R. - Atmosfera, tiempo y clima, Barcelona, Omega, 1980

DAVEAU, S. - Influence de la continentalité sur le rythme thermique au Portugal, "Finisterra", X (19), Lisboa, 1975, p. 5-52

"- O ambiente geográfico natural, Lisboa, C.E.G., 1976

ESCOURROU, G. - Climat et environnement, Paris, Masson, 1981

"- Climatologie pratique, Paris, Masson, 1978

ESTIENNE, P.; GODARD, A. - Climatologie, Paris, Colin, 1970

GRISOLET, H.; GUILMET, B.; ARLERY, R. - Climatologie, Méthodes et pratiques, Paris, Gauthier-Villars, 1973

HUFTY, A. - Introducción a la Climatología, Barcelona, Editorial Ariel, 1984

QUENEY, P. - Éléments de météorologie, Paris, Masson, 1974

FERREIRA, Peixoto; ESPIRITO SANTO - Balanço hídrico e clima de Portugal continental, Publicação nº 6 do Instituto Geofísico D. Luís, Lisboa, 1965

PEDELABORDE, P. - Introduction à l'étude scientifique du climat, Paris, SEDES, 1971

PEIXOTO, J. - Radiação solar, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1971

"- O sistema climático e as bases físicas do clima, Lisboa, S.E.A.R.N., 1987

STRAHLER, A. - Geography and man's environment. New York, J. Wiley & Sons, 1977

THORNTHWAITE, W. - An Approach toward a Rational Classification of Climate, "The Geographical Review", vol. 38, Londres, 1948

TREWARTHA, G.L. - An introduction to climate, Nova Iorque, McGraw Hill, 4ª ed., 1968

INTRODUÇÃO À GEOLOGIA

Docente: Prof^a Doutora Maria da Assunção Araújo

I - TEÓRICAS

1. Formação do Universo e do Sistema solar.
2. Formação da Terra.
3. A atmosfera e a evolução da Vida.
4. A importância da noção de tempo em Geologia: eras, períodos e épocas. Características essenciais das eras geológicas.
5. A constituição da Terra: crosta, manto e núcleo.
6. Noção de magma. Características dos diferentes grupos de minerais silicatados. Minerais félsicos e máficos. Cristalização dum magma silicatado. Séries de reacção de Bowen. Rochas ígneas. Modos de jazida das rochas plutónicas e vulcânicas.
7. Noções elementares sobre a teoria da tectónica de placas: a deriva continental de Wegener, as descobertas posteriores a Wegener e a sua importância para a "revolução mobilista". As diferentes situações: bordos construtivos, destrutivos e falhas transformantes. A actividade ígena e a orogénese. Noção de "rift", margem inactiva, arco insular, cadeia periférica, cadeia intra e intercontinental. A estabilização das cadeias montanhosas e sua reactivação.
8. Noção de ciclo geológico. Meteorização mecânica e química.
9. As rochas sedimentares: sua classificação. Noção de diagénese. Tipos de estratificação.
10. Rochas metamórficas. Tipos de metamorfismo e respectivas auréolas.
11. Noções elementares de tectónica: tipos de dobras e de falhas. Flexuras.
12. Orogénese e epirogénese. A isostasia.

II - PRÁTICAS

Docentes: Dr^a Carmen Ferreira
Dr^a Laura Soares

A. Reconhecimento e classificação de minerais, rochas ígneas, sedimentares e metamórficas.

B. Estudo e interpretação de mapas topográficos. Elaboração de perfis.

C. Breve referência aos mapas geológicos. Execução de cortes geológicos simples.

BIBLIOGRAFIA

ALLÈGRE, C. - A espuma da Terra, trad. port., Lisboa, Gradiva, 1988, 399p.

BENNISON, G. M. - An Introduction to Geological Structures and Maps, 4^a ed., Londres, Edward Arnold, 1985, 64p.

CARVALHO, A.M.G. - Geologia, ano propedêutico, Lisboa, Sec. Estado Ens. Superior, 1977, 3 vol., 462p.

DERCOURT, J.; PAQUET, J. - Geologia, objectos e método, trad. port., Coimbra, Almedina, 1981, 373p.

HOLMES, A. - Principles of Physical Geology, 3^a ed., Londres, Nelson, 1978, 730p.

MATTAUER, M. - La formation des chaines de montagne, "Pour la Science" (ed. franc. de Scientific American), Agosto de 1981, p. 40-55

STRAHLER, A. N. - Geología Física, trad. esp., Barcelona, Ed. Omega, 1987, 629p.

WEINER, J. - Planeta Terra, Lisboa, Ed. Gradiva

GEOGRAFIA HUMANA I

Docente: Dr^a Fátima Loureiro de Matos

TEÓRICAS

1. Geografia Humana: objecto e método.
2. Geografia da População.
 - 2.1. Os indicadores Demográficos Fundamentais.
 - 2.2. Traços gerais da Evolução da População a Nível Mundial - Factores de Alteração e Tendências actuais.
 - 2.3. Padrões de Distribuição Espacial.
 - 2.4. Mobilidade.
 - 2.5. Projeções Demográficas e Construção de Cenários.
3. Localização.
 - 3.1. Factores e Princípios de Localização.
 - 3.2. Teorias e Modelos: A Teoria dos Lugares Centrais.
4. Transportes.
 - 4.1. Interação Espacial e Movimento.
 - 4.2. Redes e Fluxos.
 - 4.3. Tipos de Transportes e Estruturas de Custos.
 - 4.4. Os Transportes na Organização do Espaço.
5. Difusão Espacial.
 - 5.1. Espaço e Tempo. A Dinâmica dos Padrões Espaciais.
 - 5.2. As Ondas de Difusão.
 - 5.3. O Campo Médio de Informação e o Modelo de Hagerstrand.

PRÁTICAS

1. Análise Demográfica para um Distrito de Portugal.
2. Aplicação da Teoria dos Lugares Centrais a um Distrito de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- ABLER, R.; ADAMS, J.; GOULD, P. - Spatial Organization, Londres, 1971
- ALLEGRO DE MAGALHÃES, M. Madalena - A rede urbana da região Norte, Porto, 1984
- ARROTEIA, Jorge - Atlas da Emigração Portuguesa: suas origens e distribuição, Lisboa, 1983
- BAILLY, A; BÉGUIN, H. - Introduction à la Géographie Humaine, Paris, 1982
- BEAUJEU-GARNIER, J. - Géographie de la population, Paris, 1969
- BERRY, B.J.L. - Geografía de los centros de mercado y distribución al pormenor, Barcelona, 1971
- CAPEL, H. - Filosofia y ciência en la geografía contemporanea, Barcelona, 1981
- CHRISTALLER, Walter - The Central Places in Southern Germany, Londres, 1966
- CLAVAL, Paul - Élement de Géographie Humaine, Paris
- FERRÃO, João; SIMÕES, J. M. - Teoria dos lugares centrais: concepção e utilização, Lisboa, 1981
- GAMA, António - Uma ruptura epistemológica na Geografia - a teoria dos lugares centrais, COIMBRA, 1983
- GASPAR, Jorge - A área de influência de Évora, Lisboa, 1972
- "- Estudo geográfico das aglomerações urbanas em Portugal Continental, Lisboa, 1972
- "- Urban Growth Trends in Portugal, Lisboa, 1980
- "- Portugal: os próximos 20 anos, Vol. I, Lisboa, 1987
- HAGGET, Peter - Análisis locacional en la Geografía Humana, Barcelona, 1976
- "- Geography A Modern Synthesis, New York, 1979
- LABASSE, Jean - L'organisation de l'espace: éléments de géographie volontaire, Paris, 1971
- MORAIS, M^a da Graça - A substituição das gerações em Portugal (1930-1975), "Análise Social", n^o 75, Lisboa
- MORRILL, Richard - The Spatial Organization of Society, Belmont, 1974

NAZARETH, J. M. - Portugal os próximos 20 anos - Unidade e diversidade da demografia Portuguesa no final do Séc. XX, Vol. III, Lisboa, 1988

"- Princípios e métodos de análise de demografia Portuguesa, Lisboa, 1988

NOIN, Daniel - Geographie de la population, Paris, 1979

SERRÃO, Joel - Conspecto histórico da emigração portuguesa, "Análise Social", n.º 32, vol. VIII, Lisboa, 1970

SMITT, David M. - Patterns in Human Geography, London, 1975

WOODS, Robert - Population Analysis in Geography, London, 1979

COX, Kevin - Man, Location and Behavior, Toronto, 1972

HAY, A. - Transport for the space Economy, 1973

HAGGETT, P.; CHORLEY, R.J. - Network Analysis in Geography, 1969

BLUNDE, J.; HAGGETT, P. e outros - Fundamentals of Human Geography: A reader, Londres, 1978

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Docente: Dr^a Nicole Devy-Vareta

I. Da geografia antiga a Varenius (séc. XVII)

II. As correntes clássicas:

1. Positivismo e geografia.
2. Historicismo e geografia.

III. As tendências contemporânea:

1. Neopositivismo e geografia quantitativa.
2. A geografia radical.
3. Geografia, ambiente e ordenamento do espaço.

BIBLIOGRAFIA

ABLER, R. et alii - Spatial Organization, New York, 1971

CAPEL, H. - Filosofia y ciencia en la Geografia contemporanea,
Barcelona, 1983

CLAVAL, P. - La pensée géographique, Paris, S.E.D.E.S., 1972

" - A Nova Geografia, Coimbra, Almedina, 1978

HAGGET, P. - Análisis y ciencia en la geografia humana, Barcelona,
1985

RIBEIRO, O. - Ensaio de geografia humana e regional, Lisboa, 1970

SANTOS, M. - Por uma geografia nova, São Paulo, 1980

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA

Docentes: Eng^o Domingos González Magalhães
Eng^o Carlos Alberto Paiva

1. Conceitos Básicos

- 1.1. Informação de dados.
- 1.2. Algoritmo de resolução.
- 1.3. Hardware.
 - 1.3.1. Estrutura global de um computador.
 - 1.3.2. Sistemas de numeração.
 - 1.3.3. Sistemas de codificação.
- 1.4. Software.
 - 1.4.1. Software de sistemas.
 - 1.4.2. Software de aplicações.
 - 1.4.3. Linguagens de programação.
 - 1.4.4. Organizações de dados.

2. Processadores de texto

- 2.1. Funções de classificação.
- 2.2. Definição de configuração.
- 2.3. Edição e criação de documentos.

3. Sistema operativo N.O.S.

- 3.1. Comandos primários.
- 3.2. Gestor de Ficheiros.
- 3.3. Editor.
- 3.4. Utilitários.
- 3.5. Packages.

Nota: Este programa está dependente da ligação dos terminais existentes no departamento de Geografia ao computador do CIUP, especialmente ao que se refere ao item 3.

BIBLIOGRAFIA

- FODWELL, Peter - Guia do Computador Pessoal, Lisboa, Editorial Verbo, 1985
- SOFENSEN, Donald - Computer's Today, McGraw-Hill6

LÍNGUA VIVA I (Instrumento de Trabalho) - Inglês

Docente: Dr. A. R. Allum

English for Academic Purposes is a two year course designed to help students who need to use English in their study of other subjects. Students beginning the course have a varied degree of proficiency in English, some having studied English for three years, others for five or six years. Therefore, the level required in the first year is intermediate with scope for remedial work. The emphasis is placed on comprehension rather than on production and students are not expected to be able to speak or write English at the level of the reading passages. Material from the set books is supplemented with authentic material from the various courses the students are taking.

The course deals with the following topics in a spiral way:

1. Improving reading efficiency:

Reading with a purpose, active reading, looking for information under pressure - this means using pre-questions, predicting and abstracting the organisation and main ideas of a text, using the title, index and contents, surveying, scanning and skimming for content/specific ideas.

Interpretation of graphic presentation.

Guessing vocabulary from context and by using affixes and items.

2. Note taking:

From a text and from a lecture using branching notes and expanded notes.

The importance of semantic markers and semantic relationships as an aid to understanding and organisation. Again active listening and note taking is emphasised - anticipation is important.

The use of abbreviations in the interest of time and effort.

3. Taking part in seminars:

The language of discussion - statements of personal feelings/ fact/ opinion/action.

4. Writing an essay:

Research and use of the library.

Organisation - direction and content words.

Narrative, comparison, description, cause and effect, definition, implication and inference, illustration, analogy, evidence, and discussion.

Presentation.

BIBLIOGRAPHY

WALLACE, Michael J. - Study Skills in English, Cambridge, 1980

LONG, Michael H. - Reading English for Academic Study, Newbury House, 1980

LÍNGUA VIVA I - FRANCÈS

Docente: Dr. Ilídio de Sousa

Object de ce cours:

Entraînement à l'usage et à la maîtrise orale et écrite de la langue, dans ses premiers niveaux de communication et d'expression.

1. Apprentissage et contrôle des structures fondamentales de la morpho-syntaxe française, à travers la manipulation et d'exploitation des textes de dialogue appartenant à la langue française courante et familière.

2. Réflexion, approfondissement et étude pratique de certains problèmes de grammaire et de style:

a) Valeurs des temps.

b) L'emploi du monde dans les différents types de phrases.

c) Transformation de phrases avec le passage à différents niveaux et registres de la langue.

BIBLIOGRAPHIE FONDAMENTALE

THÉRON, Maurice - Du Tac au Tac, "Formules, Réflexes et Images de la conversation française actuelle", Didier, Paris, 1955

ROLAND, Paul - Skidiz, Collection Outils, Hachette, Paris, 1986

BOY, Monique - Formes structurelles du français, Collection du Français dans le Monde, Hachette et Larousse, Paris, 1969

MAUGER, Gaston - Grammaire pratique du français d'aujourd'hui, Hachette, 1968

GRÉVISSE, Maurice - Grammaire. Précis de grammaire française et Exercices sur la grammaire française, Éditions J. Duculot, S.A., Gembloux

LEGRAND, E. - Stylistique Française, J. de Gigord, Paris, 1968

DUNETON, Claude et PAGLIANO, Jean Pierre - Anti-Manuel de Français, Seuil, Paris, 1978

VANOYE, François - Expression, Communication, Armand Colin, Paris, 1973

DICTIONNAIRES

- Larousse de Poche

- Micro - Robert et Petit Robert

ÍNDICE

Métodos de Análise em Geografia	1
Elementos de Estatística Aplicados à Geografia	2
Geografia Física I	5
Introdução à Geologia	9
Geografia Humana I	11
Introdução aos Estudos Geográficos	14

Opcões

Introdução à Informática	1
Língua Viva I - Inglês	2
Língua Viva I - Francês	4

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

Guia do Estudante da FLUP. GEO: 2º Ano

Vol. 12, 1991-92

Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100 exemplares

PROGRAMAS

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1991-92. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

GEOGRAFIA HUMANA II

Docente: Dr^a Maria Madalena A. Magalhães

1. Elementos de Geografia Industrial

1.1. O processo histórico da industrialização.

1.2. Factores de Localização Industrial: Comportamentos e modelos teóricos de análise;

1.3. Assimetrias regionais e indústria; alterações tecnológicas, divisão espacial do trabalho e comportamento locativo.

2. Elementos de Geografia Urbana

2.1. Os conceitos fundamentais.

2.2. Evolução do fenómeno de urbanização.

2.3. A estrutura interna dos centros urbanos.

2.4. Sistemas e redes urbanas.

3. Elementos de Geografia Rural

3.1. Os sistemas agrícolas.

3.2. As estruturas agrárias.

3.3. Princípios das teorias de localização agrícola.

3.4. Agricultura periurbana.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Afonso - Modalidades de pequena agricultura, "Revista Crítica de Ciências Sociais", 7/8, Coimbra, 1981

BARROS, Afonso; MENDES, F. Ribeiro - Formas de produção e estatutos na agricultura portuguesa, "Análise Social", 75, Lisboa, 1973

BARROS, Henrique de - Os grandes sistemas de organização da economia agrícola, Lisboa, 1975

BEAUJEU-GARNIER, J. - Geographie urbaine, Paris, 1982

BERRY, Brian - Geografia de los centros de mercado y distribución al pormenor, Barcelona, 1971

CARTER, Harold - The study of urban geography, London, 1972

CARVALHO, Agostinho de - Os pequenos e médios agricultores e a política agrária no período de 1960/75. Perspectivas de desenvolvimento da agricultura, Oeiras, 1984

- CASTELLS, Manuel (Ed.) - High Technology, Space and Society, "Urban Affairs Annual Review", vol. 28. Beverly Hills, Sage Publi.Inc., 1985
- CAVACO, Carminda - A pluriactividade da pequena agricultura portuguesa, "Revista Crítica de Ciências Sociais", 7/8, Coimbra, 1981
- "- A agricultura a tempo parcial em Portugal nota introdutória, Lisboa, 1980
- CHISHOLM, Michael - Rural settlement and land use, Bristol, 1977
- CLAVAL, Paul - La logique de ville, Paris, 1981
- DAVIES, Kingsley - La urbanizacion de la poblacion humana, in "La ciudad", Madrid, s/d
- FERRÃO, João - Indústria e Valorização do capital - Uma Análise Geográfica, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1987
- GASPAR, Jorge - A área de influência de Évora, Lisboa, 1972
- "- Estudo Geográfico das aglomerações urbanas em Portugal Continental, in "Finisterra", 19, Lisboa, 1972
- "- Portugal os próximos 20 anos, Lisboa, vol.I, 1987
- "- Urban growth trends in Portugal, Lisboa, 1980
- GREGORY, Derek; URRY, John - Social Relations and Spatial Structures, Londres, Macmillan, 1985
- LABASSE, Jean - L'Organization de l'espace: éléments de géographie volontaire, Paris, 1971
- MAGALHÃES, Madalena Allegro de - A pluriactividade no Vale do Ave, Porto, 1974
- MARTINS, L. P. - Níveis urbanos do Noroeste de Portugal - dimensão populacional e do comércio a retalho, Porto, 1985
- MASSEY, Dorren - Spatial Division of Labour: Social Structures and the geography of production. Londres, Macmillian, 1984
- O.C.D.E. - L'agriculture à temps partiel dans les pays de l'O.C.D.E., Paris, 1978
- PEREIRA DE OLIVEIRA, J. M. - O espaço urbano do Porto, Porto, 1973
- RIBEIRO, Orlando - Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, Lisboa, 1963
- SHORT, John R. - The Urban Arena. Londres, Macmillian, 1987
- SILVA, Rosa Fernanda M. da - Paisagem agrária das planícies e colinas minhotas - contrastes e mutações, Porto, 1981
- TRINDADE, M. J.; GASPAR, J. - A utilização agrária do solo em torno de Lisboa na Idade Média e a teoria de Von Thunen, Santiago de Compostela, 1975

GEOGRAFIA FÍSICA II

Docentes: Dr. Carlos Bateira

Dr^a Laura Soares

Aulas Teóricas

1. Geomorfologia Estrutural.

1.1. As grandes unidades morfo-estruturais do globo terrestre.

1.2. As formas estruturais elementares.

2. Paleoformas, evolução climática e geomorfologia.

2.1. Os ambientes morfoclimáticos.

2.2. Variações climáticas e oscilação do nível médio das águas do

mar.

2.3. Paleoclimas e evolução geomorfológica.

3. Dinâmica actual do meio ambiente.

3.1. Breves noções de hidrologia.

3.2. Dinâmica fluvial.

3.3. Evolução de vertentes.

4. Geomorfologia do litoral.

4.1. A erosão marinha.

4.2. Formas do litoral.

4.3. Evolução dos litorais.

5. Conceitos teóricos e geomorfologia aplicada.

5.1. Os conceitos da génese e evolução do relevo.

5.2. Cartografia geomorfológica de pormenor.

5.3. Geomorfologia aplicada. Estudo de alguns exemplos.

Aulas práticas

1. Caracterização morfo-estrutural de uma região, com base na cartografia e fotografia área disponível.

2. Estudo morfométrico de uma bacia hidrográfica.

3. Iniciação à sedimentologia. Utilização de técnicas laboratoriais.

Nota: 1. Serão feitas, sempre que possível, saídas de campo às áreas em estudo nas aulas práticas.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BIRD, E. C. F. - Coastal Landforms, Camberra, 1965
- CAILLEUX, A. - Géologie générale, Paris, Masson, 1976
- CHRISTOFOLETTI, A. - Geomorfologia, S. Paulo, 1974
- COQUE, Roger - Géomorphologie, Paris, 1977
- DAVIES, J. L. - Geographical Variation in Coastal Development, Edinburgh, 1972
- DERRUAU, M. - Précis de géomorphologie, 2ª edição, Paris, Masson, 1972
- GREGORY, K. J. and WALLING, D. E. - Drainage Basin - Form and Process, a Geomorphological Approach, Londres, Edward Arnold, 1981
- LENCASTRE, A.; FRANCO, F. M. - Lições de hidrologia, Lisboa, 1984
- MATTAUER, M. - Les déformations des matériaux de l'écorce terrestre, Paris, 1980
- MORISAWA, M. - Rivers, Form and Process, New York, 1975
- SELBY, M. J. - Hillslope Materials and Processes, Oxford, 1982
- STRAHLER, Arthur N. - Physical Geography, 4ª edição, New York, 1975
- TRICART, Jean - Précis de géomorphologie, tomo I, II e III, Paris, 1968

Nota: Ao longo do ano será fornecida bibliografia específica.

ELEMENTOS DE BIOGEOGRAFIA

Docente: Dr^a Nicole F. Devy-Vareta

Introdução: A Fitogeografia, entre as Ciências Naturais e as Ciências Sociais.

1. A distribuição da vegetação na biosfera:

1.1. Duas perspectivas de análise: biogeografia e ecologia.

1.2. As classificações bioclimáticas das formações vegetais.

1.3. A importância das intervenções humanas no dinamismo da distribuição.

2. A influência dos factores ecológicos na repartição da vegetação:

2.1. Ambiente abiótico: factores climáticos e topográficos.

2.2. Factores bióticos naturais.

2.3. Factores edáficos: relações solo-vegetação.

3. A dinâmica fitogeográfica em Portugal:

3.1. Enquadramento geral na Europa ocidental.

3.2. Os contrastes bioclimáticos.

3.3. Tendências evolutivas da vegetação arbórea e dos "incultos" até aos finais do século passado.

3.4. A aposta na florestação ao longo do século XX.

BIBLIOGRAFIA

BRAUN-BLANQUET, J. et ali - Résultats des excursions géobotaniques à travers le Portugal, "Agronomia Lusitana", vol. 18, 23 e 24, 1956, 1964

COSTA, J. Botelho da - Caracterização e constituição do solo, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1985

DANSEREAU, P. - Biogeography. An Ecological Perspective, Nova Iorque, Ronald, 1957

DUVIGNEAU, P. - A síntese ecológica, Lisboa, Sociocultur, 1974

ELHAI, H. - Biogéographie, Paris, Colin U, 1968

- FERRO, C. - Sociedade humana e ambiente no tempo, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1986
- LACOSTE, A.; SALONON, R. - Éléments de biogéographie, Paris, 1970; trad. cast., Barcelona, Oikos-Tau
- LAUTENSACH, H. - Geografía de la Península Ibérica, Barcelona, 1975
- MARGALEF, R. - Ecología, Barcelona, Omega, 1974
- MOREIRA-LOPES, M.E. - Vegetação em Portugal, Lisboa, CEG, 2 vol., 1981
- ODUM, E. P. - Ecologia, Rio de Janeiro, Interamericana, 1985
- OZENDA, P. - Les végétaux dans la biosphère, Paris, Dion, 1982
- POLUNIN, O. - Guías de las flores de Europa, Barcelona, Omega, 1982
- " - Arboles y arbustos de Europa, Barcelona, Omega, 1984
- Écologies/Géographie, Rev. "Hérodote", n° esp., 26, 1982
- RIBEIRO, O. e LAUTENSACH, H. - Geografia de Portugal II. O Ritmo climático e a paisagem, com actualização de S. Daveau, Lisboa, Sá da Costa, 1988
- ROUGERIE, G. - Les milieux forestiens, Paris, PUF, 1983
- SOLTNER, Dominique - Les bases de la production végétale, Angers, Coll. Sciences et techniques agricoles, Tome I et II, 1984 et 1986
- TRICART, J.; KILIAN, J. - L'éco-géographie, Paris, FM/Hérodote, 1979

FORMAÇÃO DO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO

Docente: Prof^a Doutora Elvira Mea

- I. Reflexão sobre os conceitos de medieval e moderno.
- II. O declínio da Idade Média e o alvorecer do mundo Moderno.
- III. O Renascimento.
 1. O Renascimento político:
 - 1.1. O Renascimento do Estado - a concepção de monarquia absoluta.
 - 1.2. As repúblicas burguesas.
 - 1.3. A importância da diplomacia.
 - 1.4. A nova noção de guerra. A guerra económica e financeira.
 - 1.5. Os imperialismos.
 2. O Renascimento económico:
 - 2.1. O capitalismo, o crédito, a especulação.
 - 2.2. O desenvolvimento do comércio à escala mundial
 3. O Renascimento religioso:
 - 3.1. A Reforma e a Contra-Reforma.
 - 3.2. A Europa e a intolerância.
 4. O Renascimento e a sociedade. O desenvolvimento do indivíduo.
- IV. A Europa e o mundo:
 1. Contacto com as novas civilizações e respectiva aculturação.
 2. A emigração e suas consequências.
 3. A miscigenação.
 4. A escravatura.
 5. "Um mundo tão mudado". Novas formas de estar, pensar e sentir, a nível individual e colectivo.
- V. O séc. XVII.
 1. O século das crises encaradas nas suas diversas facetas e dimensões: económica, social, política, religiosa, científica-filosófica.
 2. As diferentes maneiras de lutar contra as crises, a nível nacional.
- VI. A Europa barroca.
- VII. A Europa das revoluções.

NOTA: A Bibliografia será fornecida ao longo do curso.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

GEOGRAFIA DOS RECURSOS NATURAIS

Docente: Dr. Carlos Bateira

1. Noções gerais sobre recursos naturais.
2. O aproveitamento dos recursos naturais, desenvolvimento económico/social e qualidade de vida.
3. Os recursos hídricos.
4. Os recursos agro-florestais.
5. Os recursos minerais.

Nota: O programa será pormenorizado na primeira aula do ano, assim como será fornecida a respectiva bibliografia.

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

Docente: Dr^a Marília Silva

AULAS TEÓRICAS

1. Evolução dos estudos sobre População.
 - 1.1. Grandes fases de evolução dos estudos sobre população.
 - 1.2. A individualização da Geografia da População.
 - 1.3. Definição de Geografia da População.
 - 1.4. Grandes tendências da Geografia da População.
2. Modelos explicativos dos vários tipos de evolução da População e suas implicações socio-económicas.
 - 2.1. Nos países desenvolvidos.
 - 2.2. Nos países em vias de desenvolvimento.
3. População rural e População urbana.
 - 3.1. Regimes demográficos característicos.
 - 3.2. As áreas metropolitanas.
 - 3.3. As redes de cidades.
4. As migrações sua dinâmica interna e internacional.
 - 4.1. Tipos de migrações - migrações internas, imigração e emigração
 - 4.2. Motivações das migrações.
 - 4.3. Consequências das migrações quer no plano económico, social quer político e cultural.

AULAS PRÁTICAS

Desenvolver-se-ão trabalhos do foro da GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO de acordo com o plano das aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- PRESSAT, Roland - L'analyse Démographique, PUF, 1973
- WOOD, Robert - Populations analysis in geography, 1979
- SAUVY, Alfred - A População, col. Vida e Cultura, Edições Livros do Brasil, Lisboa
- ZELINSKY, Wilben - Introdução a la Geografia de la poblacion, Editorial Vicens-Vives
- PIERRE GEORGE - Migrações Internacionais, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1977

A AGRICULTURA PORTUGUESA PERANTE A INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA

Docente: Prof^a Doutora Rosa Fernanda M. Silva

I. A política estrutural comunitária.

1. Evolução histórica.

2. A nova política de estruturas agrícolas da comunidade, após 1985.

3. As perspectivas de reforma da PAC.

II. A agricultura portuguesa após a integração na C.E.E.

1. Perspectivas de análise do impacto da adesão no sector agrícola.

Aspectos gerais.

2. A necessidade de uma estratégia para o incremento da produção agrícola nacional.

3. Que política estrutural para a agricultura portuguesa.

BIBLIOGRAFIA GERAL

VARELA, J.A. Santos - A política Agrícola Comum e a sua aplicação à agricultura portuguesa, Publ. Dom Quixote, Lisboa, 1988

ROSÁRIO, Ramiro do - Problemática de uma adesão à C.E.E., Paços de Ferreira, 1985

Publicação "Horizonte Economia", nº5, "A Economia Portuguesa face à C.E.E.", Lisboa, 1988

Relatório da "Comissão das Comunidades Europeias", - A situação da agricultura na Comunidade, 1987, Bruxelas, Luxemburgo, 1988

SANTANA, J.P. e SÁ, Jacqueline S.O. - "FEOGA - Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola, Secção Orientação", Guia para os utilizadores portugueses, Banco do Fomento Nacional, Lisboa, 1986

LÍNGUA VIVA II (Instrumento de Trabalho) - Inglês

Docente: Dr. A. R. Allum

English for Academic Purposes is a two year course designed to help students who need to use English in their study of other subjects. Students beginning the course have a varied degree of proficiency in English, some having studied English for three years, others for five or six years. Therefore, the level required in the first year is intermediate with scope for remedial work. The emphasis is placed on comprehension rather than on production and students are not expected to be able to speak or write English at the level of the reading passages. Material from the set books is supplemented with authentic material from the various courses the students are taking.

The course deals with the following topics in a spiral way:

1. Improving reading efficiency:

Reading with a purpose, active reading, looking for information under pressure - this means using pre-questions, predicting and abstracting the organisation and main ideas of a text, using the title, index and contents, surveying, scanning and skimming for content/specific ideas.

Interpretation of graphic presentation.

Guessing vocabulary from context and by using affixes and stems.

2. Note taking:

From a text and from a lecture using branching notes and expanded notes.

The importance of semantic markers and semantic relationship as an aid to understanding and organisation. Again active listening and note taking is emphasised - anticipation is important.

The use of abbreviations in the interest of time and effort.

3. Taking part in seminars:

The language of discussion - statements of personal feelings/fact/opinion/action.

4. Writing an essay:

Research and use of the library.

Organisation - direction and content words.

Narrative, comparison, description, cause and effect, definition, implication and inference, illustration, analogy, evidence, and discussion.

Presentation.

LÍNGUA VIVA I - FRANCÊS

Docente: Dr. Ilídio de Sousa

Object de ce cours:

Entraînement à l'usage et à la maîtrise orale et écrite de la langue, dans ses premiers niveaux de communication et d'expression.

1. Vérification des connaissances acquises et de l'assimilation du contenu programmatique proposé en première année.

2. Enrichissement du vocabulaire et des moyens d'expression, dans des situations bien déterminées de la communication orale et écrite.

3. Développement de l'étude de la grammaire et du style.

a) Analyse logique et syntactique poussée des différentes fonctions dans la phrase, avec leurs variantes stylistiques.

b) Étude et application des différents niveaux et registres de la langue dans certaines catégories du discours, avec des exercices de transformation grammaticale et stylistique des phrases.

c) Les expressions imagées, les locutions sentencieuses et l'argot.

(Quelques précisions théoriques sur ces trois points, en complément de l'utilisation et des applications qui en auront été faites tout le long de ce cours)

N.B. Comme support de certains exercices de lecture, de conversation et d'interprétation, on utilisera certaines rubriques du quotidien "Le Monde".

BIBLIOGRAPHIE FONDAMENTALE

THÉROND, Maurice - Du Tac au Tac, "Formules, Réflexes et Images de la conversation française actuelle", Didier, Paris, 1955

ROLAND, Paul - Skidiz, Collection Outils, Hachette, Paris, 1986

BOY, Monique - Formes structurelles du français, Collection du Français dans le Monde, Hachette et Larousse, Paris, 1969

MAUGER, Gaston - Grammaire pratique du français d'aujourd'hui, Hachette, 1968

GRÉVISSE, Maurice - Grammaire, Précis de grammaire française et Exercices sur la grammaire française, Éditions J. Duculot, S.A., Gembloux

LEGRAND, E. - Stylistique Française, J. de Gigord, Paris, 1968

DUNETON, Claude et PAGLIANO, Jean Pierre - Anti-Manuel de Français, Seuil, Paris, 1978

VANOYE, François - Expression, Communication, Armand Colin, Paris, 1973

DICTIONNAIRES

- Larousse de Poche

- Micro - Robert et Petit Robert

ÍNDICE

Geografia Humana II	1
Geografia Física II	3
Elementos da Biogeografia	5
Formação do Mundo Moderno e Contemporâneo	7

Opções

Geografia dos Recursos Naturais	1
Geografia da População	2
Agricultura na C.E.E.	3
Língua Viva II - Inglês	4
Língua Viva II - Francês	6

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

Guia do Estudante da FLUP. GEO: 3º Ano

Vol. 12, 1991-92

Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100 exemplares

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1991-92. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

GEOGRAFIA HUMANA DE PORTUGAL

Docente: Prof^a Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva

Teóricas

I. EVOLUÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PORTUGUÊS

1. Formação de Portugal.
2. Portugal, na Península e no Mundo. Reflexos desta posição na organização do seu espaço até meados do séc. XX.

II. O espaço português na actualidade.

1. Fundamentos demográficos.
2. Paisagens agrárias, sua diversidade e mutação.
3. Outros aspectos da actual organização do espaço português.
4. Portugal, um espaço de contrastes regionais.
5. Portugal e o Mundo.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

AZEVEDO, J. Lúcio - Épocas de Portugal Económico. Esboço de História, 3ª ed., Lisboa, 1973

BALABIAN, Olivier - Problemas agrícolas e reformas agrárias no Alto Alentejo e na Estremadura Espanhola, Lisboa, 1984

CASTRO, Armando - Estudos de história sócio-económica de Portugal, in "Limiar", Porto, 1980

FERRÃO, João - Variação regional das taxas de lucro da indústria transformadora em Portugal (1971 < 9, "Finisterra", n°33, XVII, Lisboa, 1982, pp. 111-152

"- Evolução e estrutura regional das classes sociais em Portugal (1960), "Finisterra", n° 34, XVIII, Lisboa, 1982, pp.223-265

"- Indústria em Portugal: Estruturas produtivas e sociais em contextos regionalmente diversificados, C.E.G., Lisboa, 1987, (policopiado)

LOBO, Isabel S. - Economia subterrânea: Conceitos, métodos e perspectivas, "Planeamento", 5(2), Lisboa, 1983, pp.79-109

RIBEIRO, Orlando - Portugal, in "Geografia de España y Portugal", Tomo V, Barcelona, M. y Simón, 1955

"- A evolução agrária no Portugal Mediterrâneo, "Col Chorographia, Série História", Lisboa, C.E.G., 1970

"- Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, 4ª ed., Lisboa, Sá da Costa

Ed., 1986

SERRÃO, J.; MARTINS, G. - Da indústria portuguesa - do antigo regime ao capitalismo, Lisboa, Livros Horizontes, 1978

VARELA, J. A. Santos - A política agrícola comum e a sua aplicação à agricultura portuguesa - política de estruturas e reformas, Lisboa, Pub. "Dom Quixote", Bibl. de Economia e Gestão, 1988

"- Portugal Contemporâneo. Problemas e perspectivas, Prefácio de Manuel Silva, Inst. Nacional de Administração, Lisboa, 1986

Práticas

Docente: Elsa Maria Teixeira Pacheco

TEMA: Formas de expansão urbana na actualidade: Periurbanização.

1. Principais aspectos da evolução do espaço urbano do Porto.
2. Caracterização sócio-económica de alguns concelhos dos distritos do Porto e Aveiro.
 - 2.1. Variação e distribuição da população entre 1960 e 1981.
 - 2.2. Movimentos migratórios internos em 1981.
 - 2.3. Os transportes como elemento estruturante do espaço.
 - 2.4. A organização espacial resultante da expansão urbana.

BIBLIOGRAFIA

GASPAR, Jorge - Portugal. Os próximos 20 anos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

GUICHARD, François - Porto, laville dans sa région, Bordéus, C.N.R.S., 1984, polic. (Dissertação de Doutoramento).

OLIVEIRA, J.M.P. - O espaço urbano do Porto. Condições naturais e desenvolvimento, Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Alta Cultura, 1973

As indicações bibliográficas específicas serão fornecidas nas aulas.

GEOGRAFIA FÍSICA DE PORTUGAL

Docente: Prof^a Doutora Maria da Assunção Araújo
Dr^a Carmen Ferreira

Aulas Teóricas

I. Introdução

As linhas gerais do relevo da Península Ibérica e as respectivas regiões estruturais.

Integração de Portugal na Península Ibérica.

Análise preliminar do relevo de Portugal.

II. Geologia de Portugal

Características litológicas e tectónicas das regiões estruturais de Portugal.

Aspectos essenciais da evolução geológica do território português: a evolução ante-mesozóica e post-hercínica.

III. Geomorfologia de Portugal

As coberturas sedimentares do soco hercínico: seu significado para a compreensão da evolução geomorfológica no fim do Mesozóico e durante o Cenozóico.

A acção da neotectónica.

As variações climáticas e eustáticas do Quaternário: suas consequências para a evolução geomorfológica: o caso das montanhas e dos litorais.

IV. O Clima de Portugal

1. A diferenciação regional do clima português.

1.1. Os factores geográficos.

1.2. A regionalização climática portuguesa segundo O. Ribeiro, H. Lautensach e S. Daveau.

2. O caso de Portugal integrado na Península Ibérica.

Aulas práticas

I. Geomorfologia

Estudo de uma pequena unidade geomorfológica de Portugal, recorrendo à bibliografia e documentação cartográfica disponível.

II. Climatologia

1. Estudo dos episódios chuvosos intensos.

1.1. Características meteorológicas e situações sinóticas responsáveis por tais situações extremas.

1.2. As cheias, nas principais bacias hidrográficas de Portugal, como resposta às referidas situações meteorológicas.

BIBLIOGRAFIA

I - GEOMORFOLOGIA

CARVALHO, G. S. - Uma metodologia para o ensino dos depósitos do Quaternário, "Arqueologia", nº 4, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), 1981, pp. 50-63

COUDÉ-GAUSSSEN, G. - Les serras da Peneda et do Gerês, "Mem. C.E.G.", nº 5, Lisboa, 1981, 254p., 42 fotograf.

DAVEAU, S. - Structure et relief de la Serra da Estrela (primeira parte), "Finisterra", vol. IV, nº 7, Lisboa, CEG, 1969, pp. 31-63

"- Structure et relief de la Serra da Estrela (segunda parte), "Finisterra", vol. IV, nº 8, Lisboa, CEG, 1969, pp. 159-197

"- L'évolution géomorphologique quaternaire au Portugal, Supl. do "Boletim AFEQ", nº 50, INQUA, 1977

DAVEAU, S.; BIROT, P.; RIBEIRO, O. - Les bassins de Lousã et Arganil. Recherches géomorphologiques et gé-dimentologiques sur le massif ancien et sa couverture à l'est de Coimbra, 2 vols., Lisboa, CEG, 1985, 450 p.

FEIO, M. - Le Bas Alentejo et l'Algarve, Reed. do Livro-guia do "B" Congresso de Geografia de Lisboa, INIC, C. Ecologia Aplica da, Univ. de Évora, 1983, 207 p.

FERREIRA, A. B. - Planaltos e montanhas do norte da Beira, "Mem. CEG", nº 4, Lisboa, CEG, 1978, 374 p.

"- Problemas de evolução geomorfológica quaternária do noroeste de Portugal, "Cuadernos do Laboratorio Xeologico de Laxe", nº 5, VI Reunión do Grupo Español de Trabajo de Quaternario, A Coruña, 1983, pp. 311-330

"- Notice de la carte géomorphologique du Portugal, "Memórias do CEG", nº 6, Lisboa, Univ. de Lisboa, 1981, 53 p.

MARTINS, A. F. - Maciço Calcário Estremenho. Contribuição para um estudo de Geografia Física, Coimbra, 1949, 248 p.

"- Le Centre littoral et le massif calcaire d'Estremadura, Livro-guia da excursão do Congresso Intern. de Geografia, U.G.I., Lisboa, 1949, 109 p.

REBELO, F. - Serras de Valongo. Estudo de Geomorfologia, Suplementos de "Biblos". nº 9, Coimbra, Univ. de Coimbra, 1975, 194 p.

RIBEIRO, A. et alii - Introduction à la Géologie générale du Portugal, Lisboa, Serviços Geol. de Portugal, 1979, 114 p.

RIBEIRO, A. - Néotectonique du Portugal, "Livro de Homenagem a O. Ribeiro", Lisboa, 1988. 173-182 p.

"- A tectónica alpina em Portugal, "Geonovas", vol. 10, Lisboa, 1988, pp. 9-11

RIBEIRO, O. - Le Portugal Central, Livro-guia da excursão do "C" do Congresso de Geografia de Lisboa, U.G.I., reed. Lisboa, CEG, 1982, 180 p.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. - Geografia de Portugal. I - A posição geográfica e o território, Lisboa, Sá da Costa, 1987, 334 p.

TEIXEIRA, C. - A evolução do território português no decurso dos tempos geológicos, "Palestra. Rev. Ped. Cult.", vol. 28, Lisboa, 1966, pp. 111-157

TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F. - Introdução à Geologia de Portugal, Lisboa, INIC, 1980, 475 p.

VANNEY, J. R.; MOUGENOT, D. - La plate-forme continentale du Portugal et les provinces adjacentes, "Mem. Serv. Geol. de Port.", n° 28, Lisboa, 1981, 86 p., 41 fig.

II - CLIMATOLOGIA

ARLÉRY, R.; GRISOLLOET, H.; GUILMET, B. - Climatologie. Méthodes et pratiques, 2ª ed., Paris, Gauthier-Villars, 1973

CUNHA, L. - Tipos de tempo no Norte e Centro de Portugal, "Biblos", LIX, Coimbra, 1983

DAVEAU, S. - Répartition géographique des pluies exceptionnellement fortes au Portugal, "Finisterra", VII (13), Lisboa, 1972

"- Repartition et rythme des précipitations au Portugal, Lisboa, CEG, 1977

"- Mapas climáticos de Portugal. Nevoeiro e nebulosidade. Contrastes térmicos, 7, Lisboa. CEG, 1985

"- Geografia de Portugal-II. Ritmo climático e a paisagem, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1988

FERREIRA, D. Brum; FERREIRA, A. Brum - Alguns aspectos da seca invernal de 1980-81 em Portugal, Linha de acção de Geografia Física, 13, Lisboa, CEG, 1981

MOUNIER, J. - Les climats océaniques des régions atlantiques de l'Espagne et du Portugal, Rennes, 1979

RAMOS, C. - Tipos de anticiclones e ritmo climático de Portugal,

Linha de acção de Geografia Física, 25, Lisboa, C.E.G., 1986

VENTURA, J. - Influência das gotas de ar frio no ritmo e na repartição espacial das chuvas em Portugal. C.E.G., Linha de Acção de Geog. Física, Lisboa, 1986

GEOGRAFIA ECONOMICA E SOCIAL

Docente: Dr^a Teresa Sá Marques

I. Geografia Industrial

1. Evolução Industrial desde 1945: principais processos industriais em acção.

2. Distribuição geográfica da indústria.

2.1. Teorias tradicionais de localização industrial.

2.2. Cooperação Transnacional (TNC) e implicações geográficas: razões desta proliferação e consequências da Internacionalização da Produção.

3. Apresentação da organização produtiva de algumas indústrias: sistemas produtivos da indústria dos Têxteis, vestuário e calçado e na electrónica.

4. Custos e Benefícios da Cooperação Transnacional - problemas de industrialização, deindustrialização e reindustrialização:

- nos países de indústria tradicional;

- nos países industriais;

- nos países menos industrializados.

II. A Comunidade Económica Europeia

1. Evolução histórica da Comunidade Económica Europeia: Tratado de Roma e Acto Único Europeu.

2. Reforma dos Fundos Estruturais: objectivos e uma nova política de intervenção.

3. Política Agrícola Comum.

3.1. Introdução.

3.2. Política de Preços e de Mercados: as organizações de mercado.

3.3. Política Estrutural da PAC: objectivos e principais instrumentos.

3.4. O financiamento da PAC e implicações espaciais deste financiamento.

3.5. Balanços e perspectivas da PAC.

4. Política Regional da Comunidade.

4.1. Desequilíbrios regionais na Comunidade.

4.2. Justificação para uma política regional na Comunidade.

5. política Industrial e de Investigação Científica.

5.1. A Comunidade no contexto industrial mundial.

5.2. A estratégia industrial na actualidade.

5.3. Instrumentos disponíveis de acção.

6. Problemas actuais da C.E.E., face à abertura dos "Países de Leste".

BIBLIOGRAFIA: dada a diversidade e quantidade de bibliografia disponível, esta será referida ao longo das aulas.

ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves
Dr^a Maria Alice Duarte Silva

I. Teóricas

1. Natureza e objectivos.

1.1. Origens e desenvolvimento.

1.2. Identidade e alteridade.

1.3. Relativismo cultural e etnocentrismo.

1.4. Perspectiva integrativa e interdisciplinar.

2. A investigação antropológica.

2.1. Recolha de dados, análise e interpretação.

2.2. Experiência significativa.

2.3. Tensões constitutivas da prática antropológica.

3. A unidade e a diversidade cultural.

3.1. Cultura e culturas.

3.2. Comunicação e linguagens.

3.3. Estruturação do tempo e do espaço.

3.4. Memória social e memória cultural.

3.5. Características fundamentais da cultura portuguesa.

3.6. Constantes culturais e diferenças regionais.

4. A trajectória das perspectivas teóricas.

4.1. As perspectivas clássicas.

4.2. As perspectivas modernas.

5. Estruturas sociais e práticas culturais.

5.1. Actividades económicas: economia tradicional e economia de mercado

5.2. Condições e formas de produção e de distribuição dos bens materiais.

5.3. Factores sócio-culturais e formas das casas.

5.4. Família e parentesco e organização social.

- 5.5. Organização do poder e do controlo social.
- 5.6. Ritos sociais, festividades cíclicas, religiosidade popular e romarias.

II. Práticas

1. Métodos e técnicas.
 - 1.1. A observação participante.
 - 1.2. A monografia social.
 - 1.3. Estudos etnobiográficos.
2. A trajectória da antropologia portuguesa.
 - 2.1. José Leite de Vasconcelos.
 - 2.2. Jorge Dias e Mendes Corrêa.
 - 2.3. A actual produção antropológica.
3. Culturas regionais portuguesas.
 - 3.1. Propriedade e estratégias patrimoniais.
 - 3.2. Estruturas sociais.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, G. - Anthropologie politique, Paris, P.U.F., 1967
- BRAGA, T. - O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições, Lisboa, Dom Quixote, 2 vol., 1985-1986
- BERNARDI, B. - Introdução aos estudos etnoantropológicos, Lisboa, Edições 70, 1974
- BRETTELLE, Caroline - Homens que partem, mulheres que esperam, Lisboa, Dom Quixote, 1991
- COPANS, J. et al. - Antropologia, ciência das sociedades primitivas?, Lisboa, Edições 70, 1974
- CUTILEIRO, J. - Ricos e pobres no Alentejo, Lisboa, Sá da Costa, 1977
- DÍAS, J. - Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril, Lisboa, Presença, 1981
- "- Vilarinho da Furna. Uma aldeia comunitária, Lisboa, I.N.C.M., 1981
- "- Estudos de Antropologia, Lisboa, I.N.C.M., 1990
- GONÇALVES, A. C. - Questões de Antropologia Social e Cultural, Porto, Edições Afrontamento, 1991

HOEBEL, E. Adamson e WEAVER, Thomas - Antropologia y experiencia Humana, Barcelona, Ed. Omega, 1985

LLOBERA, Joseph (ed.) - Antropologia econ3mica, Barcelona, Ed. Anagrama, 1981

"- Antropologia pol3tica, Barcelona, Ed. Anagrama, 1985

MAUSS, M. - Ensaio sobre a d3dida, Lisboa, Ediç3es 70, 1988

Mc CREADY, William (ed.) - Culture, ethnicity and identity, Londres, Academic Press, 1983

MERCIER, P. - Histoire de l'anthropologie, Paris, P.U.F., 1971 (trad. port.)

OLIVEIRA, E. V. - Festividades c3clicas em Portugal, Lisboa, Dom Quixote, 1984

O'NEIL, B. J. - Propriet3rias, lavradores e jornaleiras, Lisboa, Dom Quixote, 1984

O'NEIL, Brian e Brito, Joaquim (orgs.) - Lugares de aqui, Lisboa, Dom Quixote, 1991

PIC3O, J. S. - Atrav3s dos campos: usos e costumes agr3colo-alentejanos, Lisboa, Dom Quixote, 1983

PINA-CABRAL, J. - Filhos de Ad3o, Filhas de Eva. A vis3o do mundo camponesa no Alto Minho, Lisboa, Dom Quixote, 1989

SAHLINS, M. - 3ge de pierre, 3ge d'abondance. L'3conomie des soci3t3s primitives, Paris, Gallimard, 1976

SAMPAIO, A. - As vilas do Norte de Portugal, Lisboa, Vega, 1979

SANCHIS, P. - Arraial, festa de um povo, Lisboa, Dom Quixote, 1983

SILVA, Augusto Santos e Pinto, Jos3 Madureira (orgs.) - Metodologia das Ci3ncias Sociais, Porto, Afrontamento, 1986

TOLOSANA, C. - Antropologia cultural de Galicia, Madrid, Akal, 1979

INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof. Doutor Adalberto Dias Carvalho

Dr^a Eugénia Vilela

Dr^a Paula Cristina Pereira

1. Problemática histórica e sociológica

1.1. A educação como um direito social e humano.

1.2. A isntitucionalização escolar da educação.

1.2.1. Algumas teses sobre o estatuto da escola

1.3. A relação Escola/Cultura/Sociedade: as principais perspectivas da Sociologia da Educação.

1.3.1. O papel da cultura escolar.

1.4. Gênese e desenvolvimento dos modelos educativos e escolares:

1.4.1. Matrizes culturais da educação contemporânea.

1.4.2. Evolução do estatuto da função docente e a emergência de um saber educacional específico.

2. Problemática pedagógica

2.1. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.

2.2. O debate pedagogias da essência/pedagogias da existência; directividade/ não directividade; pedagogias da hetero- estruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

2.3. Características e significado das pedagogias do projecto.

2.4. A formação de professores: o desafio da formação-inves-tigação.

2.5. Por uma pedagogia da complexidade ...

3. Problemática epistemológica

3.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.

3.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.

3.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.

3.2. Quadro geral das Ciências da Educação.

3.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciências da Educação.

4. Problemática antropológica
- 4.1. A educabilidade como dimensão antropológica.
- 4.2. Reprodução, criatividade e cultura escolar.
- 4.3. Projecto e utopia.
- 4.4. O corpo social e o corpo pedagogizado.
- 4.5. Razão e imaginação.
- 4.6. Liberdade e autoridade.
- 4.7. Recompensas e punições: um sentido antropológico.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- AVANZINI, G - A pedagogia no século XX, Lisboa, Moraes, 1978.
- CARVALHO, A.- Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988.
- CLAUSSE, A.- A relatividade educativa. Esboço de uma história e de uma filosofia da escola, Coimbra, Almedina, 1976.
- DE LANDSHEERE, G.- A investigação experimental em Pedagogia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.
- FORQUIN, J.C. - École et Culture, Bruxelas, Ed. de Bocck--Wesmaes, 1989
- MIALARET, G. - As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1976.
- NÓVOA, A. - Le temps des Professeurs
- NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - Où va la pédagogie du project?, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.
- NOT, L. (sob direcção de) - Une science spécifique pour l'éducation?, Toulouse, Publi. de L'Univ. de Toulouse-le-Mirail, 1984.
- RESWEBER, J. P. - Les pédagogies nouvelles, Paris, P.U.F., 1986.
- SYNDERS, G. - Para onde vão as pedagogias não directivas?, Lisboa, Moraes, 1976.
- SUCHODOLSKI, B. - A pedagogia e as grandes correntes pedagógicas, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

PLANEAMENTO FÍSICO

Docentes: Dr. Carlos Bateira
Dr^a Edite Marina Velhas

1. O planeamento físico - contributo da geografia física para a resolução de desequilíbrios ambientais.

1.1. Duas perspectivas sobre a resolução de rupturas no meio ambiente: a ecocêntrica e a tecnocêntrica.

1.2. Noção de desenvolvimento sustentado.

1.3. Enquadramento legislativo e institucional português relativamente à resolução de problemas ambientais.

1.4. Os estudos de Avaliação de Impacto Ambiental (A.I.A.)

2. Climatologia.

2.1. A climatologia numa perspectiva sistémica.

2.2. Definição das escalas espaço-temporais úteis no planeamento físico.

2.3. Formas de resolução dos processos de entropia do sistema climático: à escala global, à escala regional, à escala local.

3. Hidrologia de águas superficiais:

3.1. Processos de escoamento e seus componentes.

3.2. Factores de escoamento: climáticos e fisiográficos.

3.3. Escoamento superficial.

3.4. As situações extremas de escoamento: cheias e estiagens.

3.5. Hidrologia em áreas rurais e em áreas urbanas.

4. Geomorfologia.

4.1. Processos geomorfológicos actuais.

4.2. Cartografia geomorfológica.

BIBLIOGRAFIA

II.

APPLEYARD, Donald; LINTELL, Mark - A qualidade ambiental das ruas citadinas. O ponto de vista dos moradores, Lisboa, Urbanização, 7, 1972

AZEVEDO, Anthimio J. - O crescimento urbano e a influência no clima local, "Boletim Informativo INMG", Lisboa, 59, 1975

BACH, Wilfrid - Nuclear War: the Effects of Smoke and Dust on Weather and Climate, "Progress in Physical Geography", 10(3), London, 1986, p. 315-363

BESANCENOT, J. P. - L'étude du climat, en tant qu'élément du cadre de vie, "Cahiers du Centre de Recherches de Climatologie", 7, Dijon, 1977, p.3-16

CHANDLER, T. J. - Meteorology and urban design, Proceedings World Meteorological Organization Symposium on Meteorological as Related to Urban and Regional Land-use Planning, WMO 444, Genève, 1976

CHANGNON, S. A. - Weather Modification in a Socioeconomic Context: its Proper Setting, Weather modification technology and law, Washington, American Academy for the Advancement of Science, DC, 1977

- A Review of Inadvertent Mesoscale Weather and Climate Modification and Assessment of Research Needs, Preprints, Fourth Conference on Weather Modification, Fort Lauderdale, Boston, American Meteorological Society, 1974

CHANGNON, S. A.; SEMONIN, R. G. - Impact of Man upon Local and Regional Weather, "Rev. Geophys, Space Phys", 17(7), 1979, p.1891-1900

CLARK, W.; MUNN, R. - Sustainable Development of the Biosphere, Viena, I.I.A.S.A., 1986

DETWYLER, Thomas; MARCUS, Melvin - Urbanization and Environment, University of Michigan, Duxbury Press, 1987

DOUGUEDROIT, A. - Les échelles d'ordre microclimatique, "Cahiers du Centre de Recherches de Climatologie", 7, Dijon, 1977, p. 73-98

KATES, R.; AUSUBEL, J.; BERBERIAN, M. - Climate Impact Assessment, West Sussex, SCOPE, 27, 1986

III.

LENCASTRE, A.; FRANCO, F. M. - Lições de hidrologia, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1984

CHOW, V. T. - Handbook of Applied Hydrology, New York, McGraw Hill Inc., 1964

DUNNE, Th.; LEOPOLD, L. - Water in Environmental Planning, San Francisco, W. E. Freeman and Company, 1978

COSTA, J. B. - Caracterização e constituição do solo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985

IV.

COOK; DOORNKAMP - Geomorphology in Environmental Management, Oxford, 1978

GREGORY, K. J.; WALLING, D. E. - Drainage Basin - Form and Process, a Geomorphological Approach, Londres, Edward Arnold, 1981

MENCL, Vojtech; ZÁRUBA, Quido - Landslides and their Control, Amsterdam, Oxford, New York, 1982

SELBY, M. J. - Hillslope Materials and Processes, Oxford, 1982

VARNES, David J. - Landslide Hazard Zonation: A Review of Principles and Practice, Paris, UNESCO, 1984

PLANEAMENTO DE TRANSPORTES

Docentes: Eng. Nuno Cardoso
Eng. Pedro Silva

Aulas teóricas

1. Considerações gerais.
 - 1.1. O conceito de transporte.
 - 1.2. O sistema de transporte em Portugal.
2. Binómio espaço-transporte.
 - 2.0. Considerações gerais.
 - 2.1. Transporte e estrutura espacial.
 - 2.2. Transporte e processos espaciais.
 - 2.3. Impacto das infraestruturas de transporte.
 - 2.4. O ordenamento territorial e o planeamento de transportes.
 3. Análise estrutural de redes de transporte.
 - 3.1. A rede como um grafo.
 - 3.2. Conectividade.
 - 3.3. Estádios de crescimento de uma rede.
 - 3.4. Acessibilidade nodal.
 - 3.5. A interpretação das hierarquias a partir da teoria dos grafos.
 4. A programação linear e o planeamento de redes de transporte.
 - 4.1. Noções elementares de programação linear.
 - 4.2. O problema dos transportes.
 5. Planeamento de transportes.
 - 5.1. A nível nacional.
 - 5.2. A nível de uma área metropolitana.
 - 5.3. A nível regional e sub-regional.
 - 5.4. A nível municipal.

Aulas práticas

1. Fontes e obtenção de dados. Tratamento de informação.
2. Análise de impactos de infraestruturas de transporte:
 - no sistema de transportes;
 - na organização sócio-económica do espaço.
3. Aplicação da teoria dos grafos.
4. Aplicação do problema de transportes.
5. Estudos de transporte de âmbito municipal.

BIBLIOGRAFIA

BRUTON, Michael - Introduction to Transportation Planning, Hutchinson, 1970

CESUR - Curso "A Rede de Transportes"

DGTT/RISCO - Manual de Planeamento e Gestão de Transportes, 1985

TRAFFE; GAUTHIER - Geography of Transportation, Prentice-Hall, 1973

C.N.R.S. - Études de suivi et processus de décision, 1980

C.N.R.S. - Évaluation des transports urbains et régionaux, 1984

INRETS - Les Effets économiques et sociaux des aménagements de transports, 1985

Nota: Facultar-se-ão, no decurso das aulas, outros trabalhos de diversos autores que versam pontos específicos do programa.

GEOGRAFIA URBANA

Docente: Dr. José Alberto Rio Fernandes

1. A Geografia Urbana - conceitos e particularismos.
2. O processo de urbanização: antecedentes, características actuais e tendências.
3. A morfologia urbana e a imagem da cidade.
4. Ocupação funcional: estruturas e distribuição.
5. Os problemas associados à periurbanização e suburbanização.
6. Transformações urbanas recentes e planeamento urbanístico.

BIBLIOGRAFIA

- BAILLY, A. S. - L'organisation urbaine. Théories et modèles, 2ª ed., Paris, Cru, 1978
- BEAUJEU-GARNIER, J.; CHABOT, G. - Géographie urbaine, Paris, Armand Colin, 1963
- BERRY, Brian J. L. - Geografía de los centros de mercado y distribuciónal pormenor, Barcelona, Vicens-Vives, 1971
- BERRY, Brian J. L.; HORTON, F. E. - Geographic Perspectives on Urban Systems, New Jersey, Prentice-Hall, 1970
- CARTER, Harold - The Study of Urban Geography, 3ª ed., Londres, Arnold, 1981
- CLAVAL, Paul - La Logique des villes, Paris, Litec, 1981
- DEZERT, B.; BASTIÉ, J. - L'espace urbain, Paris, Masson, 1980
- HERBERT, D. T.; JOHNSTON, R. J. - Geography and the Urban Environment, s/l, John Wiley, 1980
- HERBERT, D. T.; THOMAS, C. - Urban Geography. A First Approach, s/l, John Willey, 1982
- JOHNSTON, R. J. - City and Society, s/l, Peter Hall, 1980
- MAYER, Harold; KOHN, C. F. - Readings in Urban Geography, Chicago, U. Ch. Press, 1959
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de - O espaço urbano do Porto, Coimbra, 1973
- SHORT, J. R. - An Introduction to Urban Geography, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1984
- VICKERMAN, R. W. - Urban Economies, Oxford, Philip Allen, 1984

SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves

I. Teóricas

Introdução: a análise do espaço no seu uso e na sua percepção.

1. Modelos conceptuais e teóricos.

1.1. Interação do rural e do urbano.

1.2. Os modelos clássicos.

1.3. As tendências actuais.

2. O meio rural e o meio urbano não urbanizados.

2.1. Organização espacial.

2.2. Sistema social.

2.3. Sistema cultural.

3. A situação de transição: a região industrial: características sociais e culturais.

4. O meio rural e o meio urbano urbanizados.

4.1. Meio rural:

4.1.1. Características sociais e culturais.

4.1.2. A agricultura e o controlo da produção.

4.2. Meio urbano:

4.2.1. Efeitos sociais e composição espacial.

4.2.1.1. Lógica funcional e lógica residencial.

4.2.1.2. Mobilidade, enraizamento e centralidade.

4.2.1.3. Exigência de mobilidade e integração na vida urbana.

4.2.2. Urbanização e apropriação do espaço.

4.2.2.1. O primado do projecto individual.

4.2.2.2. Interações e regulação dos conflitos.

4.2.3. A peri-urbanização: características sociais e culturais.

II. Práticas

1. Dinâmicas conflituais do espaço social urbano.
2. Grandes projectos e actores locais.
3. Efeitos perversos do turismo.

BIBLIOGRAFIA

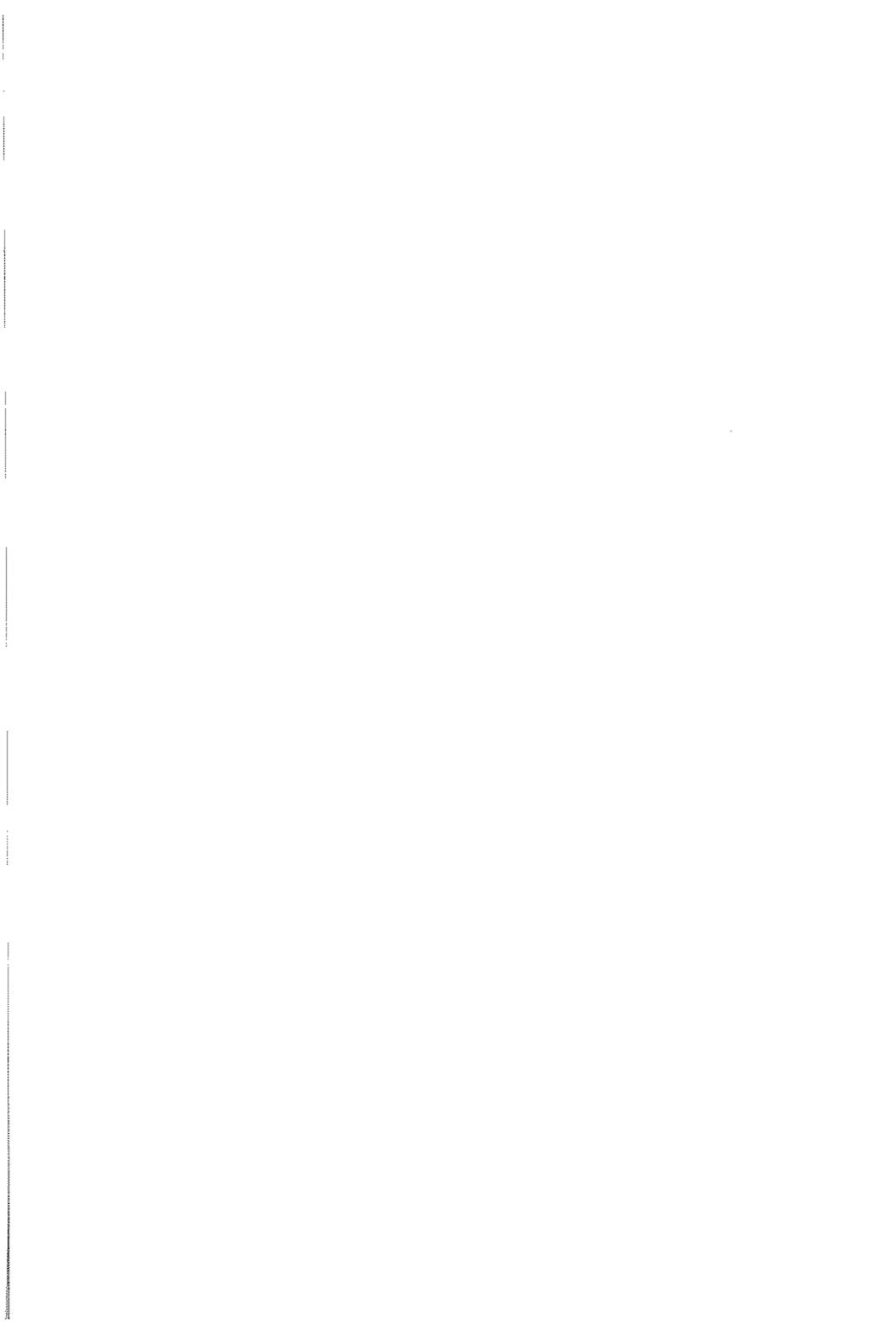
- ALTHABE, G. - Urbanisation et enjeux quotidiens, Paris, Anthropos, 1985
- CHOAY, F. - L'urbanisme, utopies et réalités, Paris, Seuil, 1965
- CASTELLS, M. - Problemas de investigação em sociologia urbana, Lisboa, Presença, 1979
- JACOBS, J. - The Death and Life of the Great American Cities. The Failure of Town Planning, Penguin Books, 1964
- LOPES, A. Simões - Desenvolvimento regional. Problemática, Teoria, Modelos, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1987
- KAYSER, B. - La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental, Paris, A. Colin, 1990
- LEVY, J.-P. - Centres villes en mutation CNRS, Paris, Centre Régional de Publication de Toulouse, 1987
- REMY, J.; VOYE, L.; SERVAIS, E. - Produire ou reproduire?, 2 vol., Bruxelles, Ed. Vie Ouvrière, 1978, 1980
- REMY, J.; VOYE, L. - La ville, Territorialité et Mobilités, Louvain-La-Neuve, 1990
- "- Ville, ordre et violence, Paris, PUF, 1981
- RITCHOT, G.; FELTZ, C. - Forme urbaine et pratique sociale, Québec, Ed. du Préambule, 1985
- MUMFORD, L. - The City in History: Its Origin, its Transformation, its Prospects, N.Y., Harcourt Brace, 1961
- NOSCHIS, K. - Signification affective du quartier, Paris, Librairie des Méridiens, 1984
- PINTO, J. Madureira - Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos, Porto, Afrontamento, 1985

ÍNDICE

Geografia Humana de Portugal	1
Geografia Física de Portugal	3
Geografia Económica e Social	7
Antropologia Social e Cultural	9
Introdução às Ciências da Educação	12

Opções

Planeamento Físico	1
Planeamento dos Transportes	4
Geografia Urbana	6
Sociologia Rural e Urbana	7



FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

Guia do Estudante da FLUP. GEO: 4º Ano

Vol. 12, 1991-92

Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100 exemplares

PROGRAMAS

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1991-92. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

TEORIA E MÉTODOS

Docente: Dr. Álvaro António Gomes Domingues

Objectivos gerais da cadeira

Tal como acontece noutras áreas das Ciências Sociais, a Geografia tem conhecido uma forte turbulência ao nível da confrontação entre modelos teóricos e métodos empíricos de investigação. No entanto, a espartilhação do curso por sectores especializados (Geografia Humana, Física, Económica, etc.) não contribui para uma clarificação das lógicas de evolução dessas tendências gerais, pelo que é frequente os alunos não terem uma visão suficientemente estruturada e de conjunto dos vários modelos de construção do objecto científico. Resulta daqui o enveredar para posicionamentos teóricos eclécticos e para uma utilização alternativa e não controlada de diferentes referenciais teóricos e métodos de investigação.

O objectivo desta cadeira é pois o de construir essa visão de conjunto e o de dar sentido e enquadramento aos diferentes paradigmas que se têm sucedido desde a institucionalização da Geografia como ciência específica, dando particular relevância à Geografia Humana.

Nesta medida, e utilizando como linha condutora a evolução da construção do conceito central de paisagem/espço/território, pretendemos recuperar vários exemplos retirados das diferentes especializações (Geografia Urbana, Rural, Económica,...) de modo a reconstruir e dar um sentido mais articulado aos diferentes modos de construção do Objecto Científico na Geografia Humana. Trata-se, em muitos casos, de reunir material normalmente assimilado de uma forma fragmentária e daí retirar as lógicas possíveis de conjunto.

Este percurso epistemológico será acompanhado pela análise de investigações - tipo exemplificativas da sucessão dos vários paradigmas, análise essa que será feita nas aulas práticas e que se fará acompanhar, nomeadamente, de uma reflexão ao nível da utilização dos métodos quantitativos de análise, dos critérios de selecção de variáveis e da adequação da construção dos indicadores e resultados estatísticos aos diferentes enquadramentos teóricos da análise.

PROGRAMA

1. Introdução - Geografia, uma ciência em busca do paradigma.
2. O Conhecimento Científico - conflitualidade e construção do objecto científico nas Ciências Sociais.
3. As etapas fundamentais das formas de construção do Objecto Científico na Geografia Humana:
 - 3.1. A Geografia Clássica.
 - 3.2. A Geografia Neo-Positiva.
 - 3.3. A diversidade correntes actuais.
4. Geografia e Geógrafos: das teorias às práticas.

BIBLIOGRAFIA

- ABLER, R.; ADAMS, J.S.; GOULD, P. - Spatial Organization, Prentice/Hall, London, 1977
- ALMEIDA, J.F.; PINTO, J.M. - A Investigação nas Ciências Sociais, Presença, Lisboa, 1976
- BACHELARD, Gaston - A Epistemologia, Edições Lisboa, 1981
- BLACHE, P. Vidal - Principes de Géographie Humaine, Paris, 1922
- BOURDIEU, Pierre - Homo Academicus, Minuit, Paris, 1984
- CAPEL, Horacio - Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporânea, Barcelona, 1981
- CLAVAL, Paul - A Nova Geografia, Almedina, Coimbra, 1978
- DOMINGUES, Álvaro - "A geografia Regional Vidaliana", in Revista da Faculdade de Letras-Geografia, 1ª série, vol. I, Porto, 1984, pp.113-134
- GREGORY, Derek - Ideology, Science and Human Geography, New York, 1979
- GOLDMANN, Lucien - Sciences Humaines et Philosophie, Paris, 1966
- HARVEY, David - Explanation in Geography, Edward Arnold, London, 1979
- KUHN, Thomas - The Structure of Scientific Revolutions, University of Chicago Press, Chicago, 1970
- MASSEY, Doreen - Social Relations and Spatial Structures, Macmillan, London, 1985

- NUNES, A. Seda - Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais, Lisboa, 7ª Ed., 1982
- RIBEIRO, Orlando - Variações Sobre Temas de Ciência, 1970
- "- Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, Sá da Costa, Lisboa, 1986
- "- Introdução ao Estudo da Geografia Regional, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 1987
- SANTOS, Boaventura S. - Introdução a uma Ciência Pós-Moderna, Afrontamento, Porto, 1989
- SILVA, A.S.; PINTO, J.M. (org.) - Metodologia das Ciências Sociais, Afrontamento, Porto, 1986
- SMITH, David M. - Patterns in Human Geography, Penguin Books, New York, 1975
- STODDART, David R. - "El Concepto de Paradigma Y la Historia de la Geografía", in Geo-Crítica, nº40, Barcelona, 1982
- RACINE, J.B.; RAYMOND, H. - L'Analyse Quantitative en Géographie, PUF, Paris, 1973

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Dr^a Fernanda Figueira

Dr. Raul Cunha

Dr^a Olga Lima

Dr. Luís Antunes

I. Introdução

Sem preterir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, pareceu-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com o pensamento de L. STENHOUSE, segundo o qual o professor deve aliar à prática lectiva a investigação.

KEMMIS insiste neste ponto que é, de resto, o fundamento de uma das várias metateorias da teoria curricular.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem "black boxes" plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

É claro que este rumo implica sólido investimento na investigação científica.

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo, de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem cientificamente o seu ensino.

II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Relacionar educação com o processo ensino-aprendizagem.
- Adquirir os conhecimentos fundamentais do Currículo, seus fundamentos, desenvolvimento e avaliação.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares.
- Justificar, a partir da teoria curricular, as decisões na acção didáctica.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas.

III. Conteúdos Programáticos

1. Análise sistémica da Educação.
 - 1.1. A T.G.S.
 - 1.2. A sistémica como tecnologia.
 - 1.3. A entropia e a redundância.
 - 1.4. Sistémica e modelos.
 - 1.5. Educação sistémica e comunicação.
2. Problemática conceptual do currículo.
 - 2.1. Natureza e teoria do currículo.
 - 2.2. Metateorias da teoria curricular.
 - 2.3. Metateorias, teorias do currículo e reprodução cultural.
 - 2.4. Os códigos curriculares.
 - 2.5. Conceitos de currículo.
 - 2.6. Componentes do currículo: objectivos, conteúdos, estratégias, planificação e avaliação.
3. Organização e desenvolvimento curricular.
 - 3.1. Modelos de organização e de desenvolvimento curricular.
 - 3.2. Modelos teóricos.
 - 3.2.1. Modelos de TYLER e de TABA.
 - 3.2.2. Modelos sistémicos.
 - 3.2.3. Modelo integrador.
 - 3.3. Desenvolvimento curricular e formação de professores.
 - 3.4. Organização escolar.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- APPLE, M. W. - Ideologia y Currículo, trad. Rafael Lassaletta, Madrid, Akal, 1986
- BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989
- CORTESÃO, L.; TORRES, M. - Avaliação pedagógica I e II, Col. Ser professor, Porto, Porto Editora, 1983
- D'HAINAUT, L. - Educação. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980
- KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980
- LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977

LANDSHEERE, G. - Avaliação Contínua e Exames: Noções de Docimologia, Coimbra, Almedina, 1979

MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986

POCZTAR, J. - Analyse systématique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989

STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981

TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984

ZABALZA, M. A. - Diseño y desarrollo curricular, Madrid, Narcea, 1987

NOTA. A bibliografia específica será oportunamente fornecida.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Prof. Doutor Leandro S. Almeida

Dr^a Fernanda Martins

Dr. Eurico Marques da Silva

Dr^a Bárbara Figueiredo

Dr^a Fátima Morais

1. Objectivos gerais

- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.

- Identificar as principais características da adolescência.

- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.

- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;

- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.

- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem.

2. Conteúdo programático

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência experimental.

2. Correntes actuais da Psicologia.

3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.

2. Abordagem desenvolvimento psicológico até à puberdade.

3. Abordagem específica do desenvolvimento do Adolescente.

3.1. Introdução à adolescência.

3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.

3.1.2. A Adolescência no ciclo de vida.

3.2. Dimensões do Desenvolvimento na Adolescência.

3.2.1. Desenvolvimento físico e psico-sexual.

- 3.2.2. Desenvolvimento cognitivo.
- 3.2.3. Desenvolvimento interpessoal/moral.
- 3.2.4. Desenvolvimento sócio-emocional.
- 3.2.5. Desenvolvimento vocacional e Identidade.
- 3.3. Problemas do desenvolvimento na adolescência.
- 3.4. Desenvolvimento psicológico do jovem-adulto.

III. Psicologia da Aprendizagem.

- 1. Definição e características da aprendizagem.
- 2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações educativas.
 - 2.1. Teorias Comportamentais.
 - 2.2. Teoria Humanistas.
 - 2.3. Teorias Cognitivas.
- 3. Programas de facilitação da aprendizagem.
 - 3.1. Programas de competência de estudo.
 - 3.2. Programas de treino de funções cognitivas.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BEE, H.- A criança em desenvolvimento, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1984
- CLAES, M.- Os problemas da Adolescência, Lisboa, Verbo, 1985
- GALLATIN, J.- Adolescência e Individualidade, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1978
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. - O mundo da criança: da infância à adolescência, S. Paulo, Mc Graw Hill do Brasil, 1981
- PIAGET, J.- Os seis estudos de psicologia, Lisboa, Ed. D. Quixote, 1974
- SNOWMAN, B.- Psychology Applied to Teaching, Boston, Houghton Mifflin Company, 1986
- SPRINTHALL, N.; COLLINS, A. - Adolescent Psychology: a Developmental view, New York, Random House, 1984
- SPRINTHALL, N.; SPRINTHALL, R. - Educational Psychology: a Developmental Approach, New York, Random House, 1981
- TAVARES, J.; ALARCÃO, I - Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Coimbra, Almedina, 1985

METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

Docente: Dr. José Queiroz Marques dos Santos

Dr^a Maria Helena Ramalhão Dias Ramalho

1. Finalidades

A preparação dos professores de Geografia implica necessariamente a aquisição de princípios de ordem metodológica que, pela sua importância e actualidade, constituem os fundamentos e as bases de toda a formação pedagógica.

Como a Geografia não constitui uma área isolada do saber, a referida preparação terá que incidir não só nos seus princípios metodológicos específicos, mas também em princípios comuns a outras disciplinas, indispensáveis a um bom entendimento e a um eficaz desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Verifica-se assim a existência de uma diversidade de situações a contemplar num programa de Metodologia da Geografia, cuja finalidade última consiste em procurar que aqueles a quem se destina consigam estabelecer uma articulação coerente entre as Ciências da Educação e a prática pedagógica.

2. Esquema conceptual

O professor de Geografia deve possuir um conjunto de conhecimentos de natureza pedagógica que, ao serem postos em prática, possibilitem o desenvolvimento de actividades conducentes à formação dos educandos.

3. Objectivos

- Reflectir sobre a actividade profissional do professor de Geografia.
- Reflectir sobre o valor formativo da Geografia.
- Analisar o estatuto da Geografia enquanto disciplina curricular.
- Dominar os fundamentos de natureza psicológica e sociológica que servem de apoio a uma Pedagogia geográfica.
- Analisar o contributo da Geografia para a Educação Ambiental.
- Dominar os conhecimentos relativos aos conteúdos geográficos inerentes aos planos de estudos.
- Integrar os conteúdos geográficos no todo dos programas, valorizando os aspectos interdisciplinares e transdisciplinares.
- Diferenciar os métodos e as técnicas utilizadas no ensino da Geografia.

- Participar em trabalhos conducentes à aplicação dos recursos mais frequentes utilizados no ensino da Geografia.
- Planificar, tendo em conta os programas de Geografia.
- Comparar estratégias diversificadas no ensino-aprendizagem da Geografia.
- Aplicar técnicas de expressão e comunicação utilizadas em Geografia.
- Analisar formas de observação dos alunos na sala de aula.
- Elaborar testes e outros tipos de provas com o fim de serem avaliadas as aprendizagens.
- Interpretar os resultados obtidos nessas provas.
- Mobilizar todos os recursos disponíveis com vista à realização de trabalhos de campo, enquanto actividades interdisciplinares privilegiadas e elementos de desenvolvimentos dos conhecimentos geográficos.
- Desenvolver os conhecimentos, métodos e técnicas adquiridos numa perspectiva de autoformação permanente, enquanto professor de Geografia.

4. Conteúdos

Introdução: Ser professor de Geografia.

I Parte: Valor educativo da Geografia:

- Importância da Geografia no campo formativo.
- Fundamentos de uma Pedagogia geográfica.

II Parte: Organização do ensino da Geografia:

- Programas; articulação; interdisciplinaridade.
- Métodos e técnicas de ensino.
- Planificação da lição de Geografia: objectivos; conteúdos; estratégias; recursos de utilização mais frequente.
- Avaliação: observação e avaliação; tipos de avaliação; elaboração de instrumentos de avaliação; interpretação dos resultados.
- Trabalho de campo.

5. Formas de actuação

Serão analisados os temas constituintes do programa, utilizando-se estratégias variadas que possam dar aos alunos uma visão ampla das diversas formas de actuação de um professor na sala de aula.

6. Avaliação

Proceder-se-á conforme as normas gerais de avaliação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ALEXANDRE, F. e DIOGO, J. - Didáctica da Geografia, Lisboa, Texto Editora, 1990

BAILEY, P. - Didáctica de la Geografía, Madrid, Editorial Cincel, 1985

BRITO, Raquel S. e POEIRA, Maria de Lurdes - Didáctica da Geografia, Lisboa, Universidade Aberta, 1991

DEBESSE-ARVISET, M. L. - A educação geográfica na escola, Coimbra, Livraria Almedina, 1978

FERNANDEZ, Salvador Aldana - Didáctica de las Ciencias Humanas - Geografía, Alcoy, Editorial Marfil, 1982

GRAVES, Norman J. - La enseñanza de la Geografía, Madrid, Visor Libros, 1985

IBÁÑEZ, R. - Interdisciplinaridad y enseñanza en equipo, Madrid, Ed. Paraninfo, 1978

Manual da Unesco para o Ensino da Geografia, Lisboa, Editorial Estampa, 1978

NEVES, Eduíno; GRAÇA, Marina - Princípios básicos da prática pedagógico-didáctica, Porto, Porto Editora, 1987

RIBEIRO, L. - Avaliação da aprendizagem, Lisboa, Texto Editora, 1989

Nota: Bibliografia específica para os assuntos a tratar será comunicada na altura adequada.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

PLANEAMENTO FÍSICO

Docentes: Dr. Carlos Bateira
Dr^a Edite Marina Velhas

1. O planeamento físico - contributo da geografia física para a resolução de desequilíbrios ambientais.

1.1. Duas perspectivas sobre a resolução de rupturas no meio ambiente: a ecocêntrica e a tecnocêntrica.

1.2. Noção de desenvolvimento sustentado.

1.3. Enquadramento legislativo e institucional português relativamente à resolução de problemas ambientais.

1.4. Os estudos de Avaliação de Impacto Ambiental (A.I.A.)

2. Climatologia.

2.1. A climatologia numa perspectiva sistémica.

2.2. Definição das escalas espaço-temporais úteis no planeamento físico.

2.3. Formas de resolução dos processos de entropia do sistema climático: à escala global, à escala regional, à escala local.

3. Hidrologia de águas superficiais:

3.1. Processos de escoamento e seus componentes.

3.2. Factores de escoamento: climáticos e fisiográficos.

3.3. Escoamento superficial.

3.4. As situações extremas de escoamento: cheias e estiagens.

3.5. Hidrologia em áreas rurais e em áreas urbanas.

4. Geomorfologia.

4.1. Processos geomorfológicos actuais.

4.2. Cartografia geomorfológica.

BIBLIOGRAFIA

II.

APPLEYARD, Donald; LINTELL, Mark - A qualidade ambiental das ruas citadinas. O ponto de vista dos moradores, Lisboa, Urbanização, 7, 1972

AZEVEDO, Anthimio J. - O crescimento urbano e a influência no clima local, "Boletim Informativo INMG", Lisboa, 59, 1975

BACH, Wilfrid - Nuclear War: the Effects of Smoke and Dust on Weather and Climate, "Progress in Physical Geography", 10(3), London, 1986, p. 315-363

BESANCENOT, J. P. - L'étude du climat, en tant qu'élément du cadre de vie, "Cahiers du Centre de Recherches de Climatologie", 7, Dijon, 1977, p.3-16

CHANDLER, T. J. - Meteorology and urban design, Proceedings World Meteorological Organization Symposium on Meteorological as Related to Urban and Regional Land-use Planning, WMO 444, Genève, 1976

CHANGNON, S. A. - Weather Modification in a Socioeconomic Context: its Proper Setting, Weather modification technology and law, Washington, American Academy for the Advancement of Science, DC, 1977

- A Review of Inadvertent Mesoscale Weather and Climate Modification and Assessment of Research Needs, Preprints, Fourth Conference on Weather Modification, Fort Lauderdale, Boston, American Meteorological Society, 1974

CHANGNON, S. A.; SEMONIN, R. G. - Impact of Man upon Local and Regional Weather, "Rev. Geophys, Space Phys", 17(7), 1979, p.1891-1900

CLARK, W.; MUNN, R. - Sustainable Development of the Biosphere, Viena, I.I.A.S.A., 1986

DETWYLER, Thomas; MARCUS, Melvin - Urbanization and Environment, University of Michigan, Duxbury Press, 1987

DOUGUEDROIT, A. - Les échelles d'ordre microclimatique, "Cahiers du Centre de Recherches de Climatologie", 7, Dijon, 1977, p. 73-98

KATES, R.; AUSUBEL, J.; BERBERIAN, M. - Climate Impact Assessment, West Sussex, SCOPE, 27, 1986

III.

LENCASTRE, A.; FRANCO, F. M. - Lições de hidrologia, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1984

CHOW, V. T. - Handbook of Applied Hydrology, New York, McGraw Hill Inc., 1964

DUNNE, Th.; LEOPOLD, L. - Water in Environmental Planning, San Francisco, W. E. Freeman and Company, 1978

COSTA, J. B. - Caracterização e constituição do solo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985

IV.

COOK; DOORNKAMP - Geomorphology in Environmental Management, Oxford, 1978

- GREGORY, K. J.; WALLING, D. E. - Drainage Basin - Form and Process, a Geomorphological Approach, Londres, Edward Arnold, 1981
- MENCL, Vojtech; ZÁRUBA, Quido - Landslides and their Control, Amsterdam, Oxford, New York, 1982
- SELBY, M. J. - Hillslope Materials and Processes, Oxford, 1982
- VARNES, David J. - Landslide Hazard Zonation: A Review of Principles and Practice, Paris, UNESCO, 1984

PLANEAMENTO DE TRANSPORTES

Docentes: Eng. Nuno Cardoso
Eng. Pedro Silva

Aulas teóricas

1. Considerações gerais.
 - 1.1. O conceito de transporte.
 - 1.2. O sistema de transporte em Portugal.
2. Binómio espaço-transporte.
 - 2.0. Considerações gerais.
 - 2.1. Transporte e estrutura espacial.
 - 2.2. Transporte e processos espaciais.
 - 2.3. Impacto das infraestruturas de transporte.
 - 2.4. O ordenamento territorial e o planeamento de transportes.
3. Análise estrutural de redes de transporte.
 - 3.1. A rede como um grafo.
 - 3.2. Conectividade.
 - 3.3. Estádios de crescimento de uma rede.
 - 3.4. Acessibilidade nodal.
 - 3.5. A interpretação das hierarquias a partir da teoria dos grafos.
4. A programação linear e o planeamento de redes de transporte.
 - 4.1. Noções elementares de programação linear.
 - 4.2. O problema dos transportes.
5. Planeamento de transportes.
 - 5.1. A nível nacional.
 - 5.2. A nível de uma área metropolitana.
 - 5.3. A nível regional e sub-regional.
 - 5.4. A nível municipal.

Aulas práticas

1. Fontes e obtenção de dados. Tratamento de informação.
2. Análise de impactos de infraestruturas de transporte:
 - no sistema de transportes;
 - na organização sócio-económica do espaço.
3. Aplicação da teoria dos grafos.
4. Aplicação do problema de transportes.
5. Estudos de transporte de âmbito municipal.

BIBLIOGRAFIA

BRUTON, Michael - Introduction to Transportation Planning,
Hutchinson, 1970

CESUR - Curso "A Rede de Transportes"

DGTT/RISCO - Manual de Planeamento e Gestão de Transportes, 1985

TRAFFE; GAUTHIER - Geography of Transportation, Prentice-Hall,
1973

C.N.R.S. - Études de suivi et processus de décision, 1980

C.N.R.S. - Évaluation des transports urbains et régionaux, 1984

INRETS - Les Effets économiques et sociaux des aménagements de transports, 1985

Nota: Facultar-se-ão, no decurso das aulas, outros trabalhos de diversos autores que versam pontos específicos do programa.

GEOGRAFIA URBANA

Docente: Dr. José Alberto Rio Fernandes

1. A Geografia Urbana - conceitos e particularismos.
2. O processo de urbanização: antecedentes, características actuais e tendências.
3. A morfologia urbana e a imagem da cidade.
4. Ocupação funcional: estruturas e distribuição.
5. Os problemas associados à periurbanização e suburbanização.
6. Transformações urbanas recentes e planeamento urbanístico.

BIBLIOGRAFIA

- BAILLY, A. S. - L'organisation urbaine. Théories et modèles, 2ª ed., Paris, Cru, 1978
- BEAUJEU-GARNIER, J.; CHABOT, G. - Géographie urbaine, Paris, Armand Colin, 1963
- BERRY, Brian J. L. - Geografía de los centros de mercado y distribuciónal pormenor, Barcelona, Vicens-Vives, 1971
- BERRY, Brian J. L.; HORTON, F. E. - Geographic Perspectives on Urban Systems, New Jersey, Prentice-Hall, 1970
- CARTER, Harold - The Study of Urban Geography, 3ª ed., Londres, Arnold, 1981
- CLAVAL, Paul - La Logique des villes, Paris, Litec, 1981
- DEZERT, B.; BASTIÉ, J. - L'espace urbain, Paris, Masson, 1980
- HERBERT, D. T.; JOHNSTON, R. J. - Geography and the Urban Environment, s/l, John Wiley, 1980
- HERBERT, D. T.; THOMAS, C. - Urban Geography. A First Approach, s/l, John Wiley, 1982
- JOHNSTON, R. J. - City and Society, s/l, Peter Hall, 1980
- MAYER, Harold; KOHN, C. F. - Readings in Urban Geography, Chicago, U. Ch. Press, 1959
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de - O espaço urbano do Porto, Coimbra, 1973
- SHORT, J. R. - An Introduction to Urban Geography, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1984
- VICKERMAN, R. W. - Urban Economies, Oxford, Philip Allen, 1984

SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves

I. Teóricas

Introdução: a análise do espaço no seu uso e na sua percepção.

1. Modelos conceptuais e teóricos.

1.1. Interação do rural e do urbano.

1.2. Os modelos clássicos.

1.3. As tendências actuais.

2. O meio rural e o meio urbano não urbanizados.

2.1. Organização espacial.

2.2. Sistema social.

2.3. Sistema cultural.

3. A situação de transição: a região industrial: características sociais e culturais.

4. O meio rural e o meio urbano urbanizados.

4.1. Meio rural:

4.1.1. Características sociais e culturais.

4.1.2. A agricultura e o controlo da produção.

4.2. Meio urbano:

4.2.1. Efeitos sociais e composição espacial.

4.2.1.1. Lógica funcional e lógica residencial.

4.2.1.2. Mobilidade, enraizamento e centralidade.

4.2.1.3. Exigência de mobilidade e integração na vida urbana.

4.2.2. Urbanização e apropriação do espaço.

4.2.2.1. O primado do projecto individual.

4.2.2.2. Interações e regulação dos conflitos.

4.2.3. A peri-urbanização: características sociais e culturais.

II. Práticas

1. Dinâmicas conflituais do espaço social urbano.
2. Grandes projectos e actores locais.
3. Efeitos perversos do turismo.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHABE, G. - Urbanisation et enjeux quotidiens, Paris, Anthropos, 1985
- CHOAY, F. - L'urbanisme, utopies et réalités, Paris, Seuil, 1965
- CASTELLS, M. - Problemas de investigação em sociologia urbana, Lisboa, Presença, 1979
- JACOBS, J. - The Death and Life of the Great American Cities. The Failure of Town Planning, Penguin Books, 1964
- LOPES, A. Simões - Desenvolvimento regional. Problemática, Teoria, Modelos, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1987
- KAYSER, B. - La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental, Paris, A. Colin, 1990
- LEVY, J.-P. - Centres villes en mutation CNRS, Paris, Centre Régional de Publication de Toulouse, 1987
- REMY, J.; VOYE, L.; SERVAIS, E. - Produire ou reproduire?, 2 vol., Bruxelles, Ed. Vie Ouvrière, 1978, 1980
- REMY, J.; VOYE, L. - La ville, Territorialité et Mobilités, Louvain-La-Neuve, 1990
- "- Ville, ordre et violence, Paris, PUF, 1981
- RITCHOT, G.; FELTZ, C. - Forme urbaine et pratique sociale, Québec, Ed. du Préambule, 1985
- MUMFORD, L. - The City in History: Its Origin, its Transformation, its Prospects, N.Y., Harcourt Brace, 1961
- NOSCHIS, K. - Signification affective du quartier, Paris, Librairie des Méridiens, 1984
- PINTO, J. Madureira - Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos, Porto, Afrontamento, 1985

ÍNDICE

Teoria e Métodos	1
Organização e Desenvolvimento Curricular	4
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	7
Metodologia do Ensino em Geografia	9

Opções

Planeamento Físico	1
Planeamento dos Transportes	4
Geografia Urbana	6
Sociologia Rural e Urbana	7

